



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e
Epistemologia

JOSÉ LUCAS DE OLIVEIRA FILHO

DO *MITO* AO *LOGOS*: PRINCIPAIS FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO
FILOSÓFICO-CIENTÍFICO DOS PENSADORES PRÉ-SOCRÁTICOS

RIO DE JANEIRO

2021

José Lucas de Oliveira Filho

DO MITO AO *LOGOS*: PRINCIPAIS FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO
FILOSÓFICO-CIENTÍFICO DOS PENSADORES PRÉ-SOCRÁTICOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos de Oliveira

Rio de Janeiro

2022

Instituto Federal do Rio de Janeiro
CIP – Catalogação na Publicação

FJ83m Filho, José Lucas de Oliveira
Do Mito ao Logos: Principais Fundamentos do
Pensamento Filosófico-Científico dos Pensadores Pré
Socráticos / José Lucas de Oliveira Filho. -- Rio
de Janeiro, 2022.
85 f.

Orientador: José Carlos de Oliveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Decania do Centro de Ciências
Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós-Graduação
em História das Ciências e das Técnicas e
Epistemologia, 2021.

1. Filosofia. 2. História das Ciências. 3. Pré
Socráticos. 4. Mito . 5. Discurso. I. de Oliveira,
José Carlos, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados
fornecidos pelo autor, sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto – CRB-
7/6283.

Ao meu filho, Guilherme Lucca.

AGRADECIMENTOS

À professora Clara Góes por ter iniciado a minha orientação acadêmica e ao professor José Carlos por ter dado continuidade ao trabalho.

Aos alunos, professores e funcionários do HCTE pelo trabalho e dedicação ao programa.

Aos membros da banca examinadora pelas observações e análise criteriosa do trabalho.

Aos meus parentes e familiares que de alguma forma contribuíram para que este projeto fosse realizado em especial a minha mãe, minha avó e minha esposa.

E por fim a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que este projeto fosse realizado.

Os verdadeiros filósofos são aqueles que gostam de contemplar a verdade.

Platão, Timeu

RESUMO

OLIVEIRA FILHO, José Lucas de. **Do mito ao logos**: principais fundamentos do pensamento filosófico-científico dos pensadores pré-socráticos. Rio de Janeiro, 2021. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O presente trabalho tem o intuito de analisar o surgimento e desenvolvimento do pensamento filosófico em sua fase inicial denominada de Período Pré-Socrático cuja principal característica é a passagem de um saber baseado em crenças mitológicas para um saber crítico e racional. O objetivo principal é analisar os principais conceitos desenvolvidos nos primórdios da filosofia grega.

Palavras-chave: filosofia; pré-socráticos; mito; discurso; história da filosofia; história das ciências.

ABSTRACT

OLIVEIRA FILHO, José Lucas de. **Do *mito* ao *logos***: principais fundamentos do pensamento filosófico-científico dos pensadores pré-socráticos. Rio de Janeiro, 2021. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

This work aims to analyze the emergence and development of philosophical thought in its initial phase called the Pre-Socratic Period whose main characteristic is the transition from knowledge based on mythological beliefs to critical and rational knowledge. The main objective is to analyze the main concepts developed in the early days of Greek philosophy.

Keywords: philosophy; Pre-Socratics; myth; discourse; history of philosophy; history of sciences.

RESUMEN

OLIVEIRA FILHO, José Lucas de. **Do mito ao logos**: principais fundamentos do pensamento filosófico-científico dos pensadores pré-socráticos. Rio de Janeiro, 2021. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Este trabajo tiene como objetivo analizar el surgimiento y desarrollo del pensamiento filosófico en su fase inicial denominada Período Presocrático cuya principal característica es la transición del conocimiento basado en creencias mitológicas al conocimiento crítico y racional. El objetivo principal es analizar los principales conceptos desarrollados en los primeros días de la filosofía griega.

Palabras clave: filosofía; presocrático; mito; discurso; historia de la filosofía; historia de las ciencias.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa da Grécia Antiga.....	16
Figura 2 –	<i>A tortura de Prometeu.....</i>	39
Figura 3 –	Localização da Jônia.....	45
Figura 4 –	Modelo cosmológico de Tales de Mileto.....	46
Figura 5 –	Modelo cosmológico de Anaximandro.....	48
Figura 6 –	Representação da doutrina dos pares opostos de Heráclito.	54
Figura 7 –	A teoria dos quatro elementos imutáveis de Empédocles.....	63
Figura 8 –	Mapa das colônias gregas destacando a Ilha de Samos e Crotona na Magna Grécia, locais onde respectivamente nasceu e viveu Pitágoras.....	70
Figura 9 –	O sistema cosmológico de Filolau.....	73

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
	OBJETIVO E METODOLOGIA.....	13
1	QUESTÕES INICIAIS	17
1.1	A DEFINIÇÃO DO TERMO PRÉ-SOCRÁTICO.....	17
1.2	MITO, CIÊNCIA E FILOSOFIA.....	19
1.3	CONCEITOS ESSENCIAIS DO PENSAMENTO CIENTÍFICO- FILOSÓFICO.....	21
2	O MUNDO DOS HOMENS E DOS DEUSES: UMA ANÁLISE CONCEITUAL DO PENSAMENTO MÍTICO-RELIGIOSO	24
2.1	A LÓGICA DAS RELAÇÕES IMAGÉTICO-SIMBÓLICAS DO MITO.....	25
2.2	O FENÔMENO RELIGIOSO E O CONCEITO DE SAGRADO.....	26
2.3	MIRCEA ELIADE E O SÍMBOLO.....	30
2.4	SÍMBOLO, MITO E RELIGIÃO NO PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO.....	32
2.5	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MITO.....	36
2.6	FUNÇÕES DO MITO.....	37
2.7	O CANTO DOS POETAS.....	41
3	A ESCOLA DE MILETO	43
3.1	TALES DE MILETO.....	45
3.2	ANAXIMANDRO.....	47
3.3	ANAXÍMENES.....	50
4	MOBILISMO E IMOBILISMO NO PENSAMENTO DE HERÁCLITO E PARMÊNIDES	52
4.1	HERÁCLITO DE ÉFESO.....	52
4.2	PARMÊNIDES E A ESCOLA ELEÁTICA.....	54
5	PLURALISTAS E ATOMISTAS	59
5.1	ANAXÁGORAS.....	60
5.2	EMPÉDOCLES.....	62
5.3	LEUCIPO E DEMÓCRITO.....	64
6	A ESCOLA PITAGÓRICA	69

6.1	A PRIMAZIA, A BELEZA E A HARMONIA DOS NÚMEROS E DA MÚSICA.....	70
6.2	A COSMOLOGIA PITAGÓRICA.....	72
	CONCLUSÃO	74
	PROPOSTA PARA FUTURAS PESQUISAS.....	77
	REFERÊNCIAS	79
	ANEXO – Tabela descritiva dos filósofos do período pré-socrático analisados	83

INTRODUÇÃO

Costuma-se dizer que a filosofia surge através do espanto original, da necessidade de buscarmos respostas em relação ao mundo em que vivemos e a realidade a qual estamos submetidos. Graças ao assombro e ao espanto que o homem começou a filosofar e, sem sombra de dúvidas, por conta destes mesmos motivos filosofam até os dias atuais. Em um primeiro momento, os homens assombraram-se com coisas aparentemente óbvias e, gradativamente, levantou questionamentos acerca de assuntos mais complexos. O espanto e a perplexidade diante da realidade que nos permeia levaram o homem a mudar a sua postura e estabelecer uma nova atitude diante de toda a multiplicidade existente no mundo, uma mudança de atitude. Ter uma atitude filosófica é ter uma postura crítica-reflexiva diante de questões cotidianas e problemas contemporâneos e, acima de tudo, ter uma mudança de postura, tornando-se ativo em relação a realidade que nos cerca e não um mero receptáculo que acumula informações sem questioná-las ou fazer uma filtragem da gama de informações que nos é transmitida. Ser filósofo é estar à frente de seu tempo, apresentar soluções para questões aparentemente insolúveis e preocupar-se principalmente em problematizar perguntas e romper com dogmatismo do senso comum. O grupo de pensadores chamados de Pré-Socráticos enquadra-se perfeitamente em todas essas categorias e definições.

Historicamente, os grandes manuais de História da Filosofia costumam datar como marco inicial os séculos VII a VI a.C. e a região da Jônia como o ponto de partida do pensamento científico-filosófico que serviram como alicerce para a civilização ocidental erguer as bases de sua estrutura cultural. Os gregos desenvolveram os principais fundamentos do pensamento filosófico-científico ocidental, romperam com elucubrações mitológicas, criaram o arcabouço necessário para desenvolver o pensamento racional, descobriram e desenvolveram a lógica, a geometria, a história, a geografia, a filosofia, as belas-artes entre outras áreas do conhecimento. A epopeia grega tem o seu início com um grupo de filósofos denominados de Pré-Socráticos, objeto de estudo e análise deste trabalho.

Analisar o pensamento deste grupo de filósofos é uma tarefa árdua uma vez que pouco de sua produção não resistiu à ação do tempo, restando apenas fragmentos e comentários de filósofos posteriores, bem como uma reinterpretação deste grupo de pensadores por filósofos posteriores demonstrando que mesmo após séculos de sua

existência ainda suscitam interesse no meio acadêmico e alguns de seus conceitos, inicialmente estranhos e exóticos, permanecem atuais. Reconstruir e mapear o pensamento e produção dos primeiros filósofos ainda que seja uma tarefa árdua, não deixa de ser fascinante afinal, o que levou os gregos a romperem com elucubrações mítico-religiosas e construíram as bases do pensamento crítico, racional e científico? Quais os principais problemas analisados por este grupo de filósofos? Quais as especificidades desse pensamento? Quais os principais conceitos?

Fazer filosofia é acima de tudo estar à frente do seu tempo, enxergar algo que ninguém havia percebido. Fazer filosofia é criar conceitos, conforme escreveu o filósofo contemporâneo francês Gilles Deleuze em colaboração com o psicanalista Félix Guattari no livro *O que é filosofia*:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. (1992, p.25).

Pensar de maneira crítica e conceitual é o que diferencia o processo de criação e descoberta da civilização grega dos demais povos, ainda que estes povos tenham nos legado um conhecimento fantástico e extraordinário, indubitavelmente não se equiparam a genialidade e originalidade dos pensadores gregos. Analisar os principais conceitos concernentes ao mundo físico-natural bem como a preocupação na fundamentação teórica alicerçados por um discurso racional é o objetivo deste presente trabalho, sendo objeto de estudo e análise a escola de Jônica, os eleatas, os pitagóricos, os atomistas e a filosofia do movimento de Heráclito de Éfeso.

OBJETIVO E METODOLOGIA

O objetivo do trabalho é pontuar a relevância e a originalidade dos primeiros filósofos e acentuar as principais características do pensamento filosófico, diferenciando-o do pensamento mítico ao destacar a preocupação teórica dos primeiros filósofos com a análise e observação do mundo natural, bem como a preocupação destes em fundamentar suas teorias em um discurso racional. A metodologia empregada basear-se-á em pesquisa bibliográfica mediante fontes

primárias (os fragmentos dos autores) bem como em fontes secundárias (comentadores clássicos e modernos).

O trabalho estrutura-se em três eixos temáticos. O primeiro em apresentar os principais problemas e questões concernentes aos pensadores, o segundo na análise do pensamento anterior ao surgimento do pensamento científico-filosófico — o mito — com o intuito de demarcar a diferença desta linha de raciocínio com o pensamento crítico-racional que caracteriza o saber científico-filosófico e a terceira e última parte na análise do discurso dos pensadores selecionados.

No primeiro eixo, é necessário analisar a principal característica do pensamento pré-socrático, destacar as noções fundamentais do conhecimento filosófico-científico e apresentar a originalidade do pensamento dos primeiros filósofos (capítulo 1).

O segundo eixo analisa a estrutura do mito, um tipo de conhecimento existente nas mais variadas culturas e, durante séculos, exerceu uma forte influência na formação do homem grego e na maneira como este construiu a realidade e o abandono gradativo da crença em um saber mítico-religioso e o estabelecimento de um saber crítico-racional além de um breve histórico das linhas interpretativas acerca do pensamento mítico-religioso (capítulo 2).

O terceiro e último eixo analisa os fundamentos e conceitos de algumas escolas filosóficas Pré-socráticas, destacando a análise do mundo físico-natural e a preocupação em sua fundamentação em um discurso puramente racional (capítulos 3, 4, 5 e 6).

O principal objetivo deste trabalho é mostrar a relevância, a originalidade e a atualidade deste grupo de filósofos. Vivemos em um momento incomum, ao mesmo tempo em que possuímos acesso a uma infinidade de informações e um avanço significativo no campo tecnológico-científico, paradoxalmente, caminhamos a passos largos para o abismo do obscurantismo de crenças e opiniões infundadas baseadas em puro e simples dogmatismo. O principal legado dos primeiros pensadores e a lição que estes nos deixam é que, acima de tudo é necessário romper com o arcaico, com o obscurantismo de crenças incompreensíveis para criar um saber autêntico. Pode nos parecer, em um primeiro momento, aparentemente risíveis e esdrúxulas as teorias dos primeiros pensadores, mas se pensarmos que eles causaram uma ruptura com o dogmatismo das crenças em seres mitológicos os cultos e as religiões de mistério da Grécia Arcaica e estabeleceram às raízes do pensamento crítico-racional que caracterizam a sociedade ocidental, percebe-se a originalidade e a coragem deste

grupo de pensadores que estavam à frente de seu tempo, afinal fazer filosofia é sempre estar a um passo à frente das demais pessoas, observar algo onde ninguém enxergava nada e, isso, sem sombra de dúvidas é uma característica indelével do pensamento Pré-Socrático em sua fascinante jornada em busca do saber, uma jornada que tem seu início na Jônia e sentimos o seu reverberar nos dias atuais.



Figura 1 – Mapa da Grécia Antiga. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/502855114647679088/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

1 QUESTÕES INICIAIS

É consenso no meio acadêmico que a filosofia é grega, manifestando certas particularidades que lhe é peculiar. Mas o que levou o homem grego a desenvolver o saber científico-filosófico? Essa questão despertou no meio acadêmico diversas teorias, como, por exemplo, que os gregos teriam iniciado suas especulações de maneira casual, isto é, por uma espécie de “milagre grego”, o que acarretou em uma ruptura com o saber mitológico ao saber teórico-especulativo, ou ainda uma vertente mais “orientalista”, isto é, que sem o contato com povos de origem oriental os gregos jamais teriam elaborado uma saber crítico-racional. Neste capítulo examinaremos o significado do termo pré-socrático e as idiossincrasias pertinentes ao período, e o que significou e como ocorreu essa passagem do mito à filosofia que recebe a denominação de período pré-socrático.

1.1 A DEFINIÇÃO DO TERMO PRÉ-SOCRÁTICO

O termo pré-socrático¹ é empregado para designar o grupo de filósofos que viveram entre os séculos VII a VI a.C., em sua maioria anteriores a Sócrates bem como alguns filósofos que foram contemporâneos de Sócrates² e apresentavam como principal característica a análise e a compreensão do mundo natural³. Durante algum tempo, esses pensadores foram considerados filósofos secundários e, portanto, relegados a um segundo plano na história da filosofia, observados apenas como meros coadjuvantes da filosofia helênica quando comparados com Sócrates, Platão⁴

¹ O termo Pré-socrático é, de certa forma, relativamente recente. O primeiro a utilizar esse termo foi o pensador alemão e adversário de Kant J. A. Eberhard em 1788. Contudo, o termo Filosofia Pré-Socrática seria empregado apenas no século seguinte quando Eduard Zeller, sobre forte influência da filosofia hegeliana, publicaria a sua obra *Die Philosophie der Griechen* de maneira periódica nos anos de 1844 e 1852 ao se referir aos pensadores Jônicos, Eleatas, Pitagóricos bem como aos Sofistas.

² Sócrates (469 a.C.-399 a.C.). – Considerado um expoente da filosofia grega, a ponto de os filósofos anteriores receberem a alcunha de pré-socráticos e os posteriores de pós-socráticos. Figura enigmática, nada deixou escrito. Tudo o que sabemos a seu respeito vem de relatos de seus alunos e de adversários (cf. MARCONDES, 2005, p. 44-48).

³ Aristóteles chama os primeiros filósofos de *physiólogos*, isto é, teóricos da natureza devido ao objeto de investigação ser o mundo natural e buscar na natureza a explicação da realidade em oposição ao mito (cf. MARCONDES, 2005, p. 23).

⁴ Platão (428 a.C.-348a.C.). – Principal discípulo de Sócrates e um dos maiores pensadores de todos os tempos. Escreveu diversas obras na forma de diálogos na qual encontramos relatos que atestam o método utilizado por Sócrates para ensinar filosofia. Fundou uma escola filosófica chamada de Academia em Atenas (cf. MARCONDES, 2005, p. 50-68).

e Aristóteles⁵. Entretanto, por volta do século XIX e início do século XX, esses pensadores adquiriram uma nova interpretação por parte de grandes filósofos, ocasionando em um grande interesse por parte do meio acadêmico e gerando uma curiosidade entre os pesquisadores. A título de curiosidade, podemos citar como exemplo as interpretações de Nietzsche⁶ que observava o espírito da tragédia entre os primeiros filósofos, Heidegger⁷ que destacava a preocupação ontológica dos primeiros filósofos, Hegel⁸ que em sua história da filosofia apontava a importância dos primeiros filósofos para o desenvolvimento da razão e Karl Popper⁹, que em suas conferências destacava a contribuição dos primeiros filósofos para o pensamento científico ocidental.

O estudo dos primeiros filósofos e da complexidade de seu pensamento esbarra em um grande problema: as fontes documentais e a produção teórica desses filósofos uma vez que restaram apenas fragmentos de suas obras ou, como no caso de Tales de Mileto¹⁰, por exemplo, apenas comentários de suas obras. Tudo o que sabemos em relação aos primeiros filósofos, provém de comentários de filósofos posteriores como Platão e Aristóteles e de Diógenes Laércio¹¹ que em sua obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* procura fazer uma síntese documental do pensamento e da biografia dos pensadores gregos, alternando o tom histórico-documental com fatos hilários, anedóticos e, em certos momentos, burlescos da vida

⁵ Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) – Pupilo de Platão, e, ao lado de Platão e Sócrates, é considerado um dos maiores pensadores da Antiguidade. Escreveu inúmeras obras abrangendo os mais diversos temas como, por exemplo, física, botânica, ética, política etc. Foi tutor de Alexandre Magno, imperador da macedônia, e fundou uma escola filosófica chamada de Liceu.

⁶ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) – Filósofo alemão. Entre os seus diversos textos, criticou a moral, a religião, a ciência e a filosofia, com uma certa dose de ironia em seus aforismos (cf. MARCONDES, 2005, p.243-245).

⁷ Martin Heidegger (1889-1976) – Um dos maiores pensadores alemães do século XX. Conhecido por sua contribuição à fenomenologia, hermenêutica e ao existencialismo, corrente filosófica a qual ele não gostava de ter seu nome vinculado. Sua interpretação dos pensadores gregos exposta em suas conferências deu um novo significado ao pensamento desses filósofos, sobretudo os Filósofos Pré-Socráticos (cf. MARCONDES, 2005, p. 266-268).

⁸ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) – Filósofo alemão e considerado por muitos um dos maiores filósofos de todos os tempos. Desenvolveu um sistema no qual baseava-se na racionalidade e, que tudo pode ser explicado através de categorias da realidade (cf. MARCONDES, 2005, p. 216-223).

⁹ Karl Popper (1902-1994) – Um dos mais influentes filósofos da ciência do século XX. Conhecido pela sua crítica ao indutivismo e a preocupação com o rigor do método científico baseado em uma análise criteriosa das evidências com o intuito de tornar esse método isento de falseabilidade (cf. MARCONDES, 2005, p. 261-264).

¹⁰ Tales de Mileto (c. 624 a.C./623 a.C.) – Considerado o primeiro filósofo do mundo Ocidental e um dos sete sábios da Antiguidade. Segundo Tales; “tudo é água” (cf. MARCONDES, 2005, p. 32).

¹¹ Diógenes Laércio (200-250 d.C.) – Historiador e biógrafo dos filósofos gregos. Sua obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* é a principal fonte de pesquisa das escolas filosóficas gregas (cf. MARCONDES, 2005, p. 31).

dos primeiros pensadores gregos. Essa dificuldade inicial gerada pelo acesso as fontes documentais primarias, acrescidas da interpretação de pensadores posteriores, trabalhos acadêmicos e pesquisas recentes, constitui uma dificuldade inicial de mapear e delinear uma abordagem que destaque a sua importância no contexto filosófico, não como meros coadjuvantes dos filósofos gregos posteriores, mas como pensadores originais que a partir de um contexto histórico-cultural desenvolveram um saber crítico-reflexivo, uma preocupação com um discurso racional que fundamentava a interpretação que estes pensadores possuíam do mundo, evocando uma originalidade na compreensão do mundo físico-natural, procurando compreender este sem elementos sobrenaturais, mas procurar compreendê-la por si própria.

1.2 MITO, CIÊNCIA E FILOSOFIA

Diversos povos da antiguidade elaboraram as mais variadas teorias acerca da natureza, entretanto, apenas os gregos construíram uma linha de raciocínio para compreender o mundo natural que seria a base a qual se ergueria o pensamento filosófico-científico do mundo ocidental. O fator essencial que diferencia o modelo filosófico-científico grego do qual herdamos a tradição é a necessidade de pautar o seu discurso em linhas racionais. Essa especificidade do homem grego acarretou na ruptura — ainda que não seja de maneira definitiva — com o modelo anterior de conceber a realidade, esse modelo seria o mito, que nada mais é do que uma narrativa fantasiosa, repleta de elementos fantásticos, seres sobrenaturais cujo objetivo seria explicar a origem do universo, a origem das coisas, situar o homem no mundo, e, acima de tudo, baseado na confiabilidade do narrador, ou seja, o poeta¹².

O pensamento mítico consiste em uma forma pela qual um povo explica aspectos essenciais da realidade em que vive: a origem do mundo, o funcionamento da natureza e dos processos naturais e as origens deste povo, bem como seus valores básicos. O mito caracteriza-se sobretudo pelo modo

¹² Um elemento central do pensamento mítico é a explicação da ordenação do mundo natural recorrendo a elementos simbólicos e alegóricos, a magia e ao sobrenatural. A realidade externa é ordenada por elementos transcendentais ao mundo humano ao qual apenas iniciados (sacerdotes, magos etc.) teriam acesso esse mundo transcendente ao homem. Acreditava-se que os poetas eram inspirados pelas musas que permitiam a este o acesso de fatos ocorridos no passado aos ouvintes. Por possuir uma origem de caráter divino, o mito era de certa forma, uma revelação de natureza incontestável e inquestionável baseando-se na palavra do poeta. Devido a sua natureza de caráter oral, apresentava inúmeras contradições em suas narrativas, o que levou o homem grego a analisar essas contradições e elaborar uma alternativa ao pensamento mítico (cf. MARCONDES, 2005, p. 19-22).

como essas explicações são dadas, ou seja, pelo tipo de discurso que constitui. (MARCONDES, 2005, p. 20).

Esse modelo de aliar o pensamento místico-religioso caracteriza os povos da antiguidade, magia e ciência eram sinônimos. O modelo grego rompe com essa concepção ao perceber às contradições concernentes ao mito e estabelece um modelo que abarque a análise do real, conforme observado por Karl Popper, a genialidade do pensamento dos primeiros filósofos nos chama a atenção pela sua originalidade, principalmente se compararmos esse modelo com a metodologia baconiana de fazer ciência:

El mito baconiano de que toda ciencia parte de observaciones y luego avanza lenta y cautelosamente hasta llegar a las teorías ha influido profundamente en la epistemología empirista tradicional y en la historiografía tradicional de la ciencia. El estudio de los primeros presocráticos muestra que los hechos son muy diferentes. Nos encontramos en ellos con audaces y fascinantes ideas, algunas de las cuales son extrañas y hasta asombrosas anticipaciones de resultados modernos; pero la mayoría de ellas, y las mejores de ellas no tienen nada que ver con la observación. (POPPER, 1972, p. 176).

A fascinante jornada empreendida pelos primeiros pensadores em busca da compreensão da realidade não poderia ser compreendida de maneira integral sem analisar o contexto sociopolítico a qual às colônias gregas se desenvolveram.

Conforme observa Bertrand Russell¹³ em sua *História da filosofia ocidental* (2015, p. 25), “Não há, em toda história, fato que seja tão surpreendente ou difícil de ser explicado quanto o repentino surgimento da civilização na Grécia”. De fato, aquilo que entendemos como civilização existia há séculos antes do nascimento da civilização grega. As margens de rios surgiram às civilizações egípcia e mesopotâmica. Essas civilizações desenvolveram a escrita, elaboraram conceitos matemáticos que posteriormente influenciariam os pensadores gregos, elementos rudimentares de astronomia que se confundiam com o obscurantismo da astrologia entre outras contribuições para a civilização. E os gregos? Como delimitar a origem dessa civilização?

¹³ Bertrand Russell (1872-1970) – Filósofo e matemático britânico. Seus trabalhos no campo da lógica exerceram profunda influência na lógica e na filosofia da matemática ao longo do século XX. Recebeu o Nobel de Literatura em 1950 (cf. MARCONDES, 2005, p. 261-264).

Os poemas de Homero¹⁴ relatam acontecimentos e fatos históricos ocorridos por volta de 1200 a.C., ainda que de acordo com especialistas esses versos tenham sido escritos por volta de 800 a.C. Acreditava-se que a narrativa de Homero não continha elementos que atestassem a veracidade em relação aos povos narrados no poema, entretanto, novas descobertas, sobretudo na região da chamada Ásia Menor corroboram a existência de certos elementos existentes na obra de Homero. Separar o que é ficção do que seria realidade da *Odisseia* e da *Ilíada* é uma tarefa árdua, contudo, tudo leva a crer que a narrativa atesta eventos históricos anteriores à chegada dos dóricos¹⁵, retratando elementos de um povo que ocupou a Grécia arcaica por volta de 1.500 a.C.

1.3 CONCEITOS ESSENCIAIS DO PENSAMENTO CIENTÍFICO-FILOSÓFICO

Evidentemente que a passagem do pensamento mítico ao pensamento racional científico resulta de um longo processo de transformação e transição da sociedade grega, da decadência do período cretense-micênico¹⁶ (por volta do século XII a.C.), uma sociedade baseada em uma economia agrária, composta por uma aristocracia militar, governada por uma monarquia de caráter divino em que a classe sacerdotal exercia uma influência preponderante e o poder político era hereditário. Homero em sua obra ressaltou alguns elementos dessa civilização, ainda que de maneira suavizada¹⁷ conforme observou Bertrand Russell:

¹⁴ A *Odisseia* e a *Ilíada*, narrativa épica cujo tema central é a Guerra de Troia.

¹⁵ Povo de origem indo-erópica oriundo provavelmente da Ásia Central, que contribuiu para o desenvolvimento da cultura helênica ao invadir a Hélade por volta de 1200 a.C. Além deles, os aqueus, jônios e eólios contribuíram para a formação cultural grega. Devido a sua maneira belicosa, esse período ficou conhecido como “Idade das Trevas Grega”. Como consequência, essa invasão acarretou a diáspora de diversos povos gerando uma “diáspora grega” e pondo fim a era Pré-homérica (cf. RUSSELL, 2015, p. 28-33).

¹⁶ A civilização cretense-minoica, cujo nome deriva do lendário rei Minos (famoso por construir o lendário labirinto), apresenta como característica os seus palácios com uma arquitetura luxuosa (como o palácio de Cnossos), sua arte que expressava uma celebração a natureza, e suas duas formas de escrita (hieroglífica — derivada da língua luviana da Anatólia Ocidental — e outra proveniente da Fenícia). A religião minoica apresenta como temas a representação de uma Grande Deusa da natureza acompanhada de seu frágil companheiro masculino. O culto minoico caracteriza-se por sacrifícios e oferendas realizados em grutas e montanhas. A religião Micênica, apresenta um panteão característico com divindades como Poseidon, Zeus, Hera, Ártemis, Dionísio etc. As oferendas realizadas a essas divindades assemelham-se às práticas da Grécia Antiga com práticas rituais de sacrifícios humanos tanto na civilização micênica quanto na civilização minoica (cf. ELIADE, 2003, p. 159-160).

¹⁷ Homero, e também Hesíodo, procurou “racionalizar” alguns elementos existentes nas concepções mitológicas dórico-cretenses, dotando os deuses de elementos humanos e construindo o mundo divino similar ao mundo dos homens.

Na sua forma atual, os poemas remontam à recensão de Pisíastro, tirano ateniense do século VI a.C. Grande parte da brutalidade do período primitivo foi suavizada em Homero, embora sobrevivam traços. Na verdade, os poemas refletem atitudes racionais de uma classe dominante emancipada. (RUSSEL, 2013, p. 18).

Com a invasão da Grécia pelos dóricos, e, com isso o aparecimento repentino das primeiras cidades-estado, observa-se uma maior participação política dos cidadãos e o processo gradativo de secularização da sociedade grega. Apesar de apresentarem traços étnicos similares aos micênicos, um fator preponderante para essa conquista foi o uso de utensílios e armas de ferro em oposição aos micênicos que permaneciam na Idade do Bronze. As atividades econômicas deixam de lado a estrutura essencialmente agrária e estabelecem rotas comerciais pelo mediterrâneo. Esse contato com outras culturas por meio das rotas comerciais proporcionou um terreno fértil para o desabrochar das ideias filosóficas. Mileto, por exemplo, cidade em que viveu Tales na costa jônica — região onde atualmente localiza-se a Turquia — era um ambiente altamente cosmopolita em que reinava o pluralismo cultural. Diversos povos com seus mais variados mitos, de certa forma, acarretou uma espécie de relativismo que enfraqueceu a influência do mito. Era necessária uma alternativa que explicasse a realidade, e, cabe frisar que o mito não desaparece de maneira definitiva da sociedade grega, Platão e Pitágoras¹⁸, por exemplo, utilizam elementos mítico-religiosos em suas concepções filosóficas. Contudo, o mito deixa de ser a única forma de compreender a realidade abrindo gradativamente espaço para o saber científico-filosófico. Esse ambiente propício ao desenvolvimento de novas ideias suscitou aos filósofos questionamentos acerca da origem do cosmos, da natureza, a causa inicial que possibilitou toda a diversidade existente no cosmos e a preocupação em fundamentar as ideias em um discurso de caráter racional.

Conforme observou Marcondes:

A principal contribuição desses primeiros pensadores ao desenvolvimento do pensamento filosófico, e podemos dizer também científico encontra-se em um conjunto de noções que tentam explicar a realidade e que constituirão [...] alguns conceitos básicos das teorias sobre a natureza que se desenvolveram a partir de então (MARCONDES, 2005, p. 22).

¹⁸ Pitágoras de Samos (c. 571 a.C./570 a.C.-500 a.C./490 a.C.) – Filósofo e matemático grego, fundador de uma escola místico-filosófica com forte influência de mitos órficos. Grande parte do que sabemos a seu respeito provém de escritos posteriores a sua existência. Seus discípulos ficaram conhecidos como pitagóricos (cf. MARCONDES, 2005, p. 32-33).

Esses conceitos iniciais abarcam a nossa concepção de realidade sem recorrer a elementos fantásticos do mito. A teorização da *physis*¹⁹ (natureza) como um elemento puramente racional, sem a ação de um elemento sobrenatural externo constitui a principal característica desses primeiros pensadores. Suas teorias buscam uma análise puramente causal da natureza, como algo concreto e não existente fora do mundo natural, de acordo com Marcondes (2005) “A característica explicação da natureza pelos primeiros filósofos é portanto o apelo a noção de causalidade, interpretada em termos puramente racionais”. (p.24). Cabe ressaltar que a ideia de causalidade existente no pensamento pré-socrático apresenta um caráter regressivo, isto é, a busca de uma causa que antecede o fenômeno anterior, em outras palavras a *arquê*²⁰.

A busca pelo princípio racional responsável pela origem de toda a multiplicidade existente no mundo natural tornou-se a marca registrada do período pré-socrático, iniciando com Tales ao destacar a água como a causa primeira. O conceito de um elemento chave responsável pela gênese do mundo natural foi retomada por Platão na obra *Timeu*, permanecendo bem popular na Antiguidade e retomada na modernidade pelos alquimistas, precursores da química moderna. Pertencente ao mundo natural, o *cosmos*²¹ desperta interesse dos primeiros filósofos, compreendendo este elemento como um princípio racional e que segue a ideia básica de uma ordenação racional e hierárquica apresentando a causalidade como principal via de regra, em oposição ao *caos*²² “[...] que seria precisamente a falta de ordem, o estado da matéria anterior a sua organização” (MARCONDES, 2005, p. 26), empregando uma fundamentação teórica embasada em um discurso racional e crítico, o *logos*²³, diferente da narrativa mítica envolta nas névoas de enigmas e mistérios. O discurso dos primeiros filósofos procura explicar a realidade pautada em termos racionais, possuindo uma abertura ao debate entre as ideias em oposição ao caráter estritamente dogmático do pensamento mítico. Debate e divergência entre as ideias é uma característica singular do pensamento filosófico e algo peculiar entre os primeiros filósofos.

¹⁹ Em grego φύσις.

²⁰ Em grego ἀρχή.

²¹ Em grego κόσμος. A definição de *cosmos* nesse período relaciona-se à concepção de beleza, ordem e harmonia (MARCONDES, 2005, p. 26).

²² Em grego Χάος.

²³ Em grego λόγος.

2 O MUNDO DOS HOMENS E DOS DEUSES: UMA ANÁLISE CONCEITUAL DO PENSAMENTO MÍTICO-RELIGIOSO

O objetivo deste capítulo será uma breve análise das linhas interpretativas do mito bem como uma análise criteriosa do pensamento mítico-religioso através de algumas linhas interpretativas. Será apresentado de maneira pormenorizada algumas linhas conceituais, uma vez que o presente trabalho não pretende se aprofundar no tema já que não este se constitui no tema central do trabalho. Entretanto, faz-se mister abordar aspectos gerais das linhas interpretativas do mito uma vez que este constitui na abordagem inicial que o homem emprega para compreender o mundo e, em particular o homem grego e demonstrar a relevância que a análise e a observação do mito adquirem no decorrer do desenvolvimento das ciências humanas.

A análise conceitual e metodológica do mito, durante um longo período esbarrou em interpretações e elucubrações derivadas da doutrina positivista que interpretavam o mito sobre a ótica de uma narrativa histórica excluindo o seu caráter essencialmente simbólico e imagético. Os pressupostos epistemológicos do positivismo de Augusto Comte²⁴ significou a passagem da física social para a sociologia. Comte acreditava que as ciências humanas necessitavam de um método similar ao empregado nas ciências exatas e da natureza.

O método aplicado utilizaria as bases epistemológicas do modelo científico de explicar o microcosmo a partir do macrocosmo e aplicar essa metodologia na análise da sociedade. No nível macrocósmino a preocupação está em explicar o funcionamento da sociedade como uma estrutura sempre tendendo ao equilíbrio, enquanto no nível microcósmino observa-se a relação do indivíduo no sistema social, o seu desempenho e a sua função. Isso significa dizer que é uma teoria a qual visa estabelecer uma conexão entre as diversas partes da sociedade e como aqueles que a compõem contribuem para que ela funcione. Comte apesar de influenciar de maneira decisiva as ciências humanas, relegou a um segundo plano a análise do pensamento mítico-religioso. Apenas no decorrer do século XX, profissionais das mais variadas áreas do conhecimento, atentaram ao complexo sistema de códigos

²⁴ Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857). Considerado o primeiro filósofo da ciência no sentido moderno do termo e, considerado por muitos, o fundador da sociologia. Suas teorias culminaram no desenvolvimento de uma escola científico-filosófica conhecida como positivismo (cf. ARON, 2000, p. 65-104).

existentes na narrativa mítica acentuando que esta é muito mais que um emaranhado de histórias sem o menor sentido, enquanto elemento constituinte do cosmos humano, o mito corrobora em suas narrativas e elementos arquetípicos da natureza humana. Neste capítulo, analisaremos os elementos que caracterizam o discurso imagético-simbólico do mito e a construção desse discurso destacando algumas de suas principais características.

2.1 A LÓGICA DAS RELAÇÕES IMAGÉTICO-SIMBÓLICAS DO MITO

A moderna interpretação do pensamento mítico deriva das bases epistemológicas da psicanálise da antropologia desenvolvidas no decorrer do século XX. Desde Heródoto²⁵ há uma necessidade em compreender a estrutura e a lógica do pensamento mítico-religioso, contudo, pode-se datar a relevância das pesquisas no campo dos fenômenos mítico-religiosos no século XIX, com Max Müller²⁶ e seus estudos comparados do pensamento religioso.

Em meados do século XIX, [...] coloca-se a obra de Max Müller (*Lectures on the Science of Language*, London 1861), que justamente através da linguagem, em sua *comparative religion*, busca uma possível interpretação dos fatos religiosos. Com esse objetivo e levando em consideração a personificação de fenômenos (naturais ou outros), o estudioso alemão, que se transferiu para a Inglaterra, consegue enfocar, juntos, portanto, os dois problemas da linguagem e da mitologia, definindo essa última como uma característica “doença da linguagem” pela qual o símbolo passa a ser o simbolizado. E falar em “doença da linguagem” significa que a linguagem para a mitologia estaria para a linguagem como a doença para a sanidade, enquanto a equação viria repropondo (quase) a contraposição grega entre *mythos* e *logos* como correspondentes a um dizer coisas falsas, no primeiro caso, e coisas verdadeiras, no segundo. (AGNOLIN, 2013, p. 29).

Apesar de atualmente ser considerado um tanto quanto ultrapassado e com certas incongruências, Müller com a sua história comparada da religião e da mitologia inaugura uma área conhecida como Ciências da Religião e acentua em suas pesquisas que o pensamento mítico-religioso-simbólico apresenta uma lógica explicativa em suas características que evidencia uma relação entre as mais diversas narrativas pontuando uma origem em comum entre elas.

²⁵ Heródoto (485 a.C.-425 a.C.). Geógrafo e historiador grego. Considerado o primeiro historiador grego pela preocupação em relatar os fatos históricos de maneira precisa (cf. MARCONDES, 2005, p. 43).

²⁶ Friedrich Max Müller (1823-1900). Linguista, orientalista e mitólogo alemão. Fundador das ciências da religião, área que propõe o estudo acadêmico e sistemático do fenômeno religioso (cf. AGNOLIN, 2013, p. 25-50).

[...] apesar de a mitologia configurar-se enquanto uma linguagem de criança que exprime ideias infantis, ela se caracteriza como uma linguagem verdadeira para uma religião verdadeira. Ela afirma-se, enfim, enquanto produto de uma específica experiência primordial vivida, da qual, na época sucessiva, só chega até nós como um eco flébil. Ora, mesmo que o pressuposto de Müller fosse de que as religiões dos “selvagens” devam ser tratadas com o mesmo respeito que é reservado às das civilizações “superiores”, sua análise permanece ligada, fundamentalmente, ao pressuposto da comparabilidade das religiões a partir do fato de que elas podem ser consideradas cronologicamente estranhas aos contextos culturais que as subtendem; este vício de fundo aponta a perspectiva de uma contraposição das religiões se diferenciam segundo um plano que vai da “conservação” de um passado unificante em direção [...] a um “progresso” diversificante. (AGNOLIN, 2013, p. 29-30).

A obra de Müller exerceu influência no campo da psicanálise, antropologia, história, linguística entre outras áreas, influenciando de maneira direta eruditos dos estudos religiosos como, por exemplo, Mircea Eliade²⁷ e o antropólogo Edward Burnett Tylor.²⁸

Em síntese, em nome do rigor científico, Max Müller põe as bases para os futuros manuais de História das Religiões. Partindo do pressuposto de que cada cultura, cada povo, tem sua própria religião, e de que somente quem conhece a língua daquele povo pode explicá-la [...]. (AGNOLIN, 2013, p. 30).

2.2 O FENÔMENO RELIGIOSO E O CONCEITO DE SAGRADO

A religião, em seu corpo teórico, apresenta aspectos que em um primeiro momento representa nada mais nada menos do que uma grande perda de tempo para o pesquisador. Aparentemente, a religião nada mais é do que práticas rituais que cujo objetivo seria a inserção do homem em um universo sobrenatural, em suma, uma vã tentativa de fugir de uma realidade caótica e inserir-se em um ambiente consolador. Observa-se, inicialmente, uma simples relação de causa e efeito no campo fenomênico, uma boa regra de conduta acarreta uma graça concebida por uma divindade ao passo que a transgressão de uma norma leva a uma punição. Seria uma enorme perda de tempo para um pesquisador sério ocupar-se em uma área do conhecimento baseada em uma lógica tão simplista. A racionalidade do século XIX excluiu de seu campo de estudos a religião, decretando esta como algo extremamente

²⁷ Mircea Eliade (1907-1986) – Filósofo e estudioso das religiões romeno, considerado um dos grandes nomes das ciências da religião no século XX (cf. AGNOLIN, 2013, p. 46-50).

²⁸ Edward Burnett Tylor (1832-1917) – Antropólogo britânico e considerado um dos fundadores do conceito moderno de cultura. É considerado um dos representantes do chamado evolucionismo social (cf. AGNOLIN, 2013, p. 31-38).

banal e simplório, uma enorme perda de tempo e, a medida que a sociedade se desenvolvia, a religião mais cedo ou mais tarde desapareceria. O fim da religião estava decretado, “Deus está morto”, “A religião é o ópio do povo”, não haveria espaço para a religião em uma sociedade altamente racionalista e cientificista como a sociedade europeia do século XIX.

O século XIX apresentou uma série de mudanças significativas na história do pensamento ocidental. No campo das ciências naturais, ocorre um desenvolvimento da física com Laplace²⁹, na área da biologia as teorias evolucionistas de Darwin³⁰ exerceram uma forte influência que ultrapassa o campo das ciências biológicas e por último o desenvolvimento da psicologia e da psiquiatria que impactou de maneira profunda as neurociências. O campo das ciências humanas não ficaria incólume diante dessas mudanças. É exatamente sobre essas transformações que exerceram influência em Augusto Comte na formulação de a sua física social e a passagem desta para a sociologia.

A sociedade europeia passava por transformações estruturais decorrentes da Revolução Francesa e da Revolução Industrial que proporcionaram mudanças significativas que alteraram os alicerces que a sustentavam. Com o fim do Antigo Regime, o desenvolvimento das democracias liberais, o processo de mecanização e a substituição do modo de produção servil feudal pelo modo de produção assalariado do sistema capitalista, urge a necessidade de desenvolver um método com o intuito de compreender essa nova sociedade. É nesse contexto que surge a figura de Augusto Comte e sua filosofia positivista, cujo lema está estampado em nossa bandeira³¹.

Augusto Comte percebendo as mudanças no campo social, influenciado pela metodologia das ciências naturais por pensadores que o precederam³², desenvolve um método baseado na indução e dedução, visando compreender as transformações sociais. Comte observa que na História do Pensamento Ocidental, a civilização passa por três estados:

²⁹ Pierre-Simon, Marquês de Laplace (1749-1827). Matemático, astrônomo e físico francês. Em sua obra *Mecânica celeste*, ampliou o estudo geométrico da mecânica clássica newtoniana para um estudo baseado em cálculo (cf. GLEISER, 1997, p. 197-249).

³⁰ Charles Darwin (1809-1882) – Naturalista britânico, autor da obra *A origem das espécies* no qual propõe que todas as espécies possuem um ancestral em comum (cf. MARCONDES, p. 286-287).

³¹ O lema Ordem e Progresso na bandeira do Brasil tem a sua origem no lema positivista: “Amor como princípio e ordem como base; o progresso como meta.”

³² Montesquieu (através da análise do determinismo dos fenômenos sociais), Condorcet (a ideia de progresso do espírito humano) e Bossuet (o providencialismo), além de Aristóteles.

a) O estado teológico – Refere-se a crença em deuses e seres divinos, ou seja, o homem atribui a fenômenos naturais elementos sobrenaturais.

b) O estado metafísico – Refere-se a princípios filosóficos transcendentais ao ser. Nesse caso, o homem invoca elementos abstratos.

c) O estado científico – A etapa final a qual chegaria a sociedade, alicerçada em um progresso decorrente do cientificismo. O homem nesse estado simplesmente “se limita a observar os fenômenos e a fixar relações regulares que podem existir entre eles” (ARON, 2000, p. 87).

Cabe ressaltar que essa metodologia — a teoria dos três estados —, conforme elaborada por Augusto Comte, observa-se primeiro no campo das ciências naturais e tecnociências e, portanto, faz-se necessário transpor esse método para o campo das ciências humanas, criando dessa forma as bases epistemológicas que proporcionaram o nascimento de uma ciência, a sociologia:

A combinação da lei dos três estados com a classificação das ciências tem por objetivo provar que a maneira de pensar que triunfou na matemática, na astronomia, na física, na química e na biologia deve, por fim, se impor à política, levando à constituição de uma nova ciência positiva da sociedade, a sociologia. (ARON, 2000, p. 88).

Nota-se a importância do método de Comte, que influenciaria de maneira decisiva o campo das ciências humanas e em particular da sociologia. Ainda hoje, apesar de alguns considerarem ultrapassado o seu método, é inegável a contribuição de pensador e as especificidades de sua metodologia científica aplicada na área de humanidades. Porém, conforme observado, o positivismo de Comte excluía de sua análise científica o complexo sistema de códigos e símbolos existentes no complexo sistema mítico-religioso e a que em uma análise aprofundada carregada de ritos e alegorias compõe um corpo teórico que se traduz por meio do fenômeno religioso.

Ao observarmos o fenômeno religioso enquanto produção humana e carregado de uma linguagem simbólica, separado da religião e analisarmos a relação entre o homem e o transcendente, percebe-se que a religião apresenta aspectos bem mais complexos do que muitos cientistas imaginavam. Em uma rápida análise percebe-se que a religião nada mais é do que um elemento criado pelo homem, com um grau de complexidade enorme, que engloba uma grande diversidade de aspectos culturais, valores morais, éticos e sociais, agregados em práticas ritualísticas cujo enfoque é a experiência do sagrado ou uma relação com o transcendente. Aparentemente

simples, a religião esconde em seu interior uma série de relações complexas. E são essas relações analisadas por Mircea Eliade³³. Mas afinal, o que seria o sagrado?

A primeira definição sobre o sagrado seria a de que ele se opõe ao profano, ou seja, ao banal, ao corriqueiro, ao ordinário, ao cotidiano. O sagrado encontra-se em um plano transcendente e o homem em um primeiro momento entra em contato com o sagrado porque este se manifesta, se revela (hierofania).

De acordo com Eliade, na história de todas as religiões encontramos a manifestação do sagrado, como por exemplo, a manifestação do sagrado em uma árvore ou em uma pedra. Mas esses objetos não possuem mais o valor corriqueiro de uma árvore ou uma pedra que representariam para o homem comum, para o homem religioso esses elementos simbolizam a representação de um elemento sagrado, a pedra deixa de ser uma simples pedra e adquire a representação de uma divindade, revela o sagrado. O homem sagrado delimita o seu mundo, não vive mais no caos (desordem) mas no cosmos (mundo ordenado), em suma dentro da “lógica do sagrado” o homem delimita o seu espaço e o seu tempo.

Pode se medir o precipício que separa as duas modalidades de experiência — sagrada e profana — lendo se as descrições concernentes ao espaço sagrado e à construção ritual da morada humana, ou às diversas experiências religiosas do Tempo, ou às relações do homem religioso com a Natureza e o mundo dos utensílios, ou à consagração da própria vida humana, à sacralidade de que podem ser carregadas suas funções vitais (alimentação, sexualidade, trabalho etc.). Bastará lembrar no que se tornaram, para o homem moderno e a religioso, a cidade ou a casa, a Natureza, os utensílios ou o trabalho, para perceber claramente tudo o que o distingue de um homem pertencente às sociedades arcaicas ou mesmo de um camponês da Europa cristã. Para a consciência moderna, um ato fisiológico — a alimentação, a sexualidade etc. — não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe, por exemplo, certas regras para “comer convenientemente” ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social reprova). Mas para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado. (ELIADE, 2001, p. 14).

O espaço sagrado, de acordo com Eliade, seria o elemento-chave onde o homem religioso insere-se em um novo universo, um local real e de forte significado. É através deste espaço que o homem religioso estabelece o seu centro do mundo, em algumas cidades do interior, por exemplo, observa-se que a vida da comunidade gira em torno de uma igreja, alguns povos delimitam um local onde realizará os seus

³³ Tema central da obra *O sagrado e o profano: a essência das religiões* (São Paulo: Martins Fontes, 2001).

ritos. É através do rito que o homem religioso de certa maneira se insere no universo do transcendente.

Em linhas gerais o rito nada mais é do que uma repetição de uma narrativa (um mito) ocorrida em um passado imemorial cujo objetivo é reproduzir um ato executado pelos deuses através de cerimônias, festas etc. O que o homem religioso busca é abandonar o seu tempo histórico e inserir-se no mundo dos deuses. O que ocorre é um abandono voluntário do mundo profano e um retorno à origem através de uma comunhão com o sagrado, dessa maneira o homem torna-se contemporâneo dos deuses.

2.3 MIRCEA ELIADE E O SÍMBOLO

Observa-se que desde a aurora da humanidade o homem busca compreender a realidade a qual está submetido, busca respostas essenciais que assegurem a sua existência, expliquem os fenômenos do mundo natural e dê vazão aos seus questionamentos de caráter existencial e metafísico. A mais primeva forma de responder a todas essas perguntas é o mito, utilizando suas paixões e afetos como uma vã tentativa de localizar o homem e direcioná-lo no mundo, abarcando os seus mais profundos questionamentos. O universo do mito apresenta um arcabouço simbólico e imagético, de caráter emotivo e, por vezes, com uma forte carga dramática, cujo intuito é o de situar o homem no mundo por meio de uma narrativa por vezes poética repleta de deuses, heróis de índole por vezes duvidosa, monstros e seres fantásticos. Um mundo em que o homem projeta seus desejos e cria seres a sua imagem e semelhança, com todos os seus anseios, suas imperfeições e com uma forte carga moral que por vezes adquire um caráter educativo-pedagógico.

Decodificar a linguagem simbólico-imagética do universo do mito desperta um fascínio ao qual diversas áreas do saber conceberam inúmeras interpretações. No século XX a teoria psicanalítica, por exemplo, procurou decodificar a estrutura imagético-simbólica do mito identificando certos elementos como os nossos desejos e anseios mais profundos, indo de encontro a nossa sexualidade, conforme observado por Cassirer (2005, p. 126): “Na teoria psicanalítica do mito de Freud [...] declara-se que todas as produções míticas são variações e disfarces de um único e mesmo tema psicológico — a sexualidade”.

Submeter o mito apenas ao crivo de uma abordagem psicanalítica que o identifique apenas como uma manifestação de natureza sexual e aplique a sua floresta de símbolos como uma espécie de “máscara” que oculte no inconsciente os nossos mais profundos desejos, beira a uma análise por vezes pobre e superficial, o caráter imagético do mito apresenta um grau de profundidade bem mais complexo, conforme Mircea Eliade observou (2012, p. 8-9): “As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique, elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelam as mais secretas modalidades do ser”, isto é, elas transportam o ser humano condicionado de seu mundo para um mundo muito mais amplo e diversificado. O mundo da imanência, consciente e com os seus pressupostos históricos e sua temporalidade cronológica, enclausura o homem em um campo limitado de significado. O mundo imagético-simbólico, inconsciente, atemporal e desprendido de uma historicidade, amplia o campo de atuação do homem, com elementos de uma riqueza singular de interpretação das mais variadas estruturas da realidade. O mito em sua estrutura imagético-simbólica projeta ao plano da imanência a construção, representação e interpretação da realidade.

Diferente do historiador Yuval Noah Harari³⁴ que em seu livro *Sapiens* sustenta que o mito é uma mera narrativa ficcional com o intuito de manter a sociedade unida e, com isso, possibilitar a convivência entre as pessoas, em outras palavras, o mito permite fazer apenas uma associação de ideias em seu estado natural, empregando o uso imagético das narrativas o homem estabelece relações com projetos maiores e consegue desta maneira um senso de pertencimento ao mundo, a um grupo social ou ainda a uma comunidade. Em sua análise, Mircea Eliade afirma que o mito e o símbolo projetam verdades latentes que o homem não consegue representar conforme os parâmetros racionais. Desta forma, o mito adquire uma concepção de expressão do mundo real, uma vez que seu caráter simbólico-imagético não é representado em termos de racionalidade e inacessível ao raciocínio lógico-dedutivo.

³⁴ Historiador israelense e autor do *best-seller* mundial *Sapiens: uma breve história da humanidade*.

2.4 SÍMBOLO, MITO E RELIGIÃO NO PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO

A antropologia enquanto ciência surge por volta do século XIX, apresentando como características uma análise do homem pautada em sua coletividade que pode ser expresso na cultura como uma representação de sua ação integrada em aspectos simbólicos — o que inclui o pensamento e o inconsciente — que dão sentido e significados aos diversos grupos e comunidades humanas. Como os grupos e comunidades humanas são distintos entre si no tempo e no espaço, suas manifestações simbólicas apresentam certas singularidades que representam as respostas de grupos e comunidades humanas aos seus anseios. Apesar de guardar características representativas a certos grupos, o que a antropologia demonstra que o “outro” na verdade não é tão diferente de “nós”. Na verdade o que chamamos de “o outro” não passa de uma construção no qual projetamos certas características que denotam uma representação munida de certos elementos etnocêntricos ao analisar um grupo social aparentemente distinto. Em outras palavras, criamos um personagem sem ao menos perceber que ele apresenta elementos representativos, em sua essência, semelhantes as nossas práticas simbólicas. A antropologia nos ensina que o “outro” na verdade apresenta aspectos que em nada se diferencia de nós mesmos. A antropologia necessita da capacidade de olhar o outro como a si mesmo e desprender-se de todos os preconceitos, algo inimaginável em uma sociedade que classificava como “bárbaros” costumes de civilizações complexas e com alguns costumes semelhantes aos costumes da civilização grega. A estrutura dialética é o principal componente metodológico da antropologia, sem o qual torna-se impossível compreender o outro como um ser social.

Esse componente metodológico do pensamento antropológico acentua as bases epistemológicas da antropologia. Despir-se dos preconceitos inerentes a sua própria cultura é o critério utilizado pelo antropólogo para transcender os paradigmas e construir um saber isento e verdadeiro. O relativismo neste contexto surge como uma das ferramentas necessárias que auxiliam o antropólogo em sua pesquisa. Não é uma tarefa das mais fáceis e com resultados concretos, resume-se a uma aproximação com o “outro” através de um cauteloso exercício daquilo que o filósofo Edmund Husserl³⁵ denominou de *epoché*. A abertura livre de preconceitos demonstra

³⁵ Edmund Husserl (1859-1938) – Matemático e filósofo alemão, estabeleceu a teoria fenomenológica (cf. MARCONDES, 2005, p. 289-291).

que podemos perceber que toda e qualquer cultura possui o potencial de favorecer seus membros.

Apesar de ultrapassada e apresentar traços incongruentes de uma perspectiva histórico-evolucionista, antropologia moderna de Sir James Frazer³⁶ analisa o processo de relação entre o pensamento mágico e o pensamento religioso, concebendo a magia como um processo — guardada as devidas proporções — similares ao procedimento técnico-científico, conforme a observação de Cassirer:

A magia por mais imaginários e fantásticos que sejam os seus meios, também é científica em seus fins. Falando teoricamente a magia é ciência, embora seja na prática uma ciência elusiva — uma pseudociência. Pois até a magia argumenta e age com base no pressuposto de que na natureza um evento segue-se a outro necessária e invariavelmente, sem a intervenção de qualquer agência espiritual ou pessoal. (CASSIRER, 2005, p. 127).

Um dos pioneiros do pensamento antropológico moderno e fundador do moderno conceito de cultura³⁷, Edward Burnett Tylor delimita a prática simbólica do pensamento mítico-religioso a um estágio primitivo que ele identificou como sendo o animismo. Segundo Tylor o animismo seria a fase primeva da esfera religiosa, evoluindo para um segundo estágio que seria o politeísmo e por fim o último estágio seria o monoteísmo, característica religiosa das nações modernas ocidentais. Cabe ressaltar que a perspectiva a qual Tylor analisa as mais diversas manifestações mítico-religiosas é sobre a ótica britânica, isto é, do ponto de vista do colonizador que colocava a cultura eurocêntrica em outro patamar ao analisar as demais manifestações culturais, apresentando a prática mítico-religiosa dos chamados povos primitivos como um elemento exótico e com um certo fundo político uma vez que ao se referir ao Império Britânico toma-se como sua extensão as suas colônias e a análise da cultura dos povos colonizados adquire um léxico político e não científico visando justificar a dominação do Europeu aos demais povos.

Assim como Max Müller, Tylor também investigou a relação entre religião e linguagem, considerando a religião dos povos primitivos em três aspectos: a teoria, a

³⁶ James Frazer (1854-1941). Um dos pioneiros da antropologia. Destacou-se pelos estudos comparados nas áreas de religião e mitologia (cf. AGNOLIN, 2013, p. 62-65).

³⁷ E. B. Tylor em linhas gerais define a cultura como um elemento do cosmo humano envolvendo símbolos, ritos, crenças em geral, arte ciência técnica, hábitos, valores, costumes, leis e normas. “Com esta definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos” (LARAIA, 1999, p. 25).

prática cultural e a tradução mitológica. “[...] O resultado deste percurso será, justamente, a invenção do ‘animismo’, identificado como “religião elementar” do homem que caracteriza, portanto o grau zero de uma civilização em seus primórdios: selvagens, de fato” (AGNOLIN, 2013, p.36).

Conforme Tylor observa que a antropologia procura desvendar o enigma do homem através da produção humana (cultura) e a análise que faz da produção simbólica-religiosa dos chamados povos “selvagens” serviria aos europeus para compreender os povos isentos de um “processo civilizatório”, uma vez que o conceito de civilização equipara-se ao conceito de cultura e “[...] sem as implicações éticas que caracterizam esse termo quando contraposto ao de barbárie” (AGNOLIN, 2013, p. 37).

Desta forma, com o intuito de compreender o sistema mítico-religioso e suas relações simbólicas, Tylor ao analisar o conceito de solidariedade amplia a concepção de religião.

Tylor obtém a ampliação propondo uma definição mínima de religião, de modo a não ter de obrigar a considerar irreligiosos povos que não conheçam divindades, ídolos, sacrifícios, escatologias etc. Essa definição mínima [...] é sintetizada segundo a fórmula do autor “crença em seres espirituais”. É essa crença que é chamada de “animismo”, propondo enquanto conotação essencial ou, até mesmo, a denominação [...] do mais primitivo estágio da evolução cultural. (AGNOLIN, 2013, p. 37).

Tylor desta forma fundamenta os aspectos gerais da nascente antropologia evolucionista e dentre os pensadores evolucionistas destaca-se a abordagem de Sir James George Frazer, que evidencia em sua obra *O ramo de ouro* uma abordagem na qual o homem passou em sua existência por três fases.

[...] a primeira e mais arcaica teria visto o homem enquanto vítima de um erro de interpretação das forças que governam a natureza, entregando-se àquela falsa ciência que é a “magia”, em seguida abandonada, ou melhor, os termos de Frazer, “reforçada por uma teoria religiosa” à qual teria sucedido, finalmente, a última fase, a da ciência.

O autor utiliza a análise do sistema totêmico, que estava em voga no meio acadêmico como uma alternativa à teoria animista, para explicar a seu modo as relações matrimoniais exogâmicas. “E não é inútil observar, a esse respeito, como será com base no totemismo que o próprio Sigmund Freud tentará explicar de modo unitário a origem da religião: nascida [...] de um parricídio” (AGNOLIN, 2013, p. 38).

A análise do sistema totêmico não representa algo novo. Um dos precursores da sociologia e fundador da Escola Francesa Émile Durkheim, esmiuçou esse tema em sua brilhante obra *As formas elementares da vida religiosa*. Conforme a abordagem de Durkheim, o totemismo representaria o que havia de mais primitivo em termos de culto e religião (AGNOLIN, 2013, p. 39).

Portanto, tudo isso, além de permitir descobrir, hipoteticamente, as formas elementares da religião, por outro lado, na visão positivista de Durkheim, servia, sobretudo para generalizar essas formas a todas as sociedades “primitivas” (ou “simples”). (AGNOLIN, 2013, p.39).

A análise do totemismo de Durkheim em suma compreende o sistema totêmico e a religião como um fenômeno social, apresentando como ponto de partida de sua pesquisa a forma mais primitiva de religião (o totemismo) que compreende elementos comuns a todo fenômeno religioso. O totem ocupa um papel preponderante uma vez que a relação de parentesco entre os mais diversos clãs ocorre por meio dele. O totem é a representação do ser social do aborígine, com isso Durkheim postula que não existe religião sem sociedade e que em seu âmago esta influencia de maneira decisiva a sociedade. Os ritos e símbolos existentes no sistema mítico-imagético são indicativos que conferem a religião a sua força mobilizadora e catalisadora nas mais diversas sociedades conferindo sentido à vida humana.

Concluindo a análise dos pioneiros da antropologia em sua análise do pensamento mítico-religioso Malinowski, pioneiro no trabalho de campo, reorientou as análises do pensamento evolucionista de Frazer e desenvolveu a chamada escola funcionalista.

O funcionalismo de Malinowski, enfim, vem colocando em cena, no âmbito desses estudos, uma nova dimensão do religioso que, fora de pressupostas etapas evolucionistas pré-ordenadas, se apresenta, de fato, enquanto função do sistema cultural. Isso vem a significar que o interesse do estudioso polonês é fazer emergir exclusivamente, neste âmbito, as relações que uma cultura (ou uma civilização) tece entre as partes determinadas de que é constituída e das quais se serve, e sem as quais deixaria de ser tal. (AGNOLIN, 2013, p. 41).

Com isso, o sistema mítico-religioso em Malinowski adquire um caráter privilegiado de transformar em ato público toda ação de origem dramática e emotiva. O sistema religioso manifesta todas as formas de caráter social conforme a observação de Malinowski.

2.5 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MITO

Antes do nascimento da filosofia na Grécia Antiga existia o mito. Perguntas essenciais que por séculos incomodaram os mais diversos grupos de pensadores eram respondidas através do mito que empregava em sua metodologia explicativa uma relação símbolo-imagética entre os diversos elementos existentes no que mito por meio de narrativas de caráter divino atendia aos anseios do ouvinte.

Segundo Lalande (1999), o conceito de mito pode ser desdobrado em três definições: (1) narrativa lendária e fabulosa de origem popular e não refletida, pertencente à tradição cultural de um povo, que tende a explicar as características do que é dado no presente; (2) exposição de uma ideia ou de uma doutrina sob uma forma voluntariamente poética e narrativa, na qual a imaginação se mistura às verdades subjacentes, como um discurso alegórico que tem como objetivo disseminar uma doutrina através de uma representação simbólica e (3) imagem de um futuro fictício que exprime os sentimentos de uma coletividade e serve para desencadear a ação. De acordo com a primeira definição, os mitos são narrativas de acontecimentos ocorridos num tempo primordial que pretendem ilustrar as origens. Ou seja, os mitos contam como o homem se tornou o que ele é hoje e o que determinou sua organização, suas regras sociais e sua ética. (WINOGRAD; MENDES, 2012, p. 227).

A palavra mito tem a sua origem no termo grego *mythos*, que por sua vez deriva dos verbos gregos *mytheio* — cujo significado é narrar, contar — e *mytheo*, que significa conversar, contar.

Na Grécia Antiga (do séc. VIII ao séc. VI a. C.), o sentido primordial de *mythos* era *palavra* ou *discurso*, configurados particularmente como narrativas das desventuras de deuses e heróis. Nesta época, *logos* e *mythos* não eram opostos, pois diziam respeito a um relato sagrado transmitido oralmente através das gerações. A antinomia entre *logos* e *mythos* somente ocorreu com a filosofia helênica, no século IV a.C., a qual distinguiu o relato mítico da argumentação racional (Pastore, 2012). Designando composições de diversos gêneros literários (épico, lírico e dramático), relatos históricos, lendas da tradição oral, assim como os tipos de relação que se estabelecem entre os elementos constitutivos dos relatos, o termo *mito* é múltiplo desde sua raiz grega. (WINOGRAD; MENDES, 2012, p. 226).

O mito através de suas narrativas estabelece um vínculo com um passado imemorial, através de ritos atualizam essa narrativa e apresenta como característica uma primeira conexão do homem com a realidade utilizando uma linguagem alegórica.

Se, como ensina Eliade (2000), o mito narra a origem do mundo, do homem, do animal, do fogo, da guerra, das coisas como elas são hoje, embora situados em um tempo irrecuperável e perdido para o sujeito, os mitos tornam o sujeito

contemporâneo a este tempo fabuloso que, atualizado, incorpora-se à sua história: são mitos vivos e vividos, pois presentificam-se em histórias verdadeiras, vivas e em movimento (Eliade, 2004). Ou seja, os mitos não são explicações destinadas a satisfazer curiosidades: são ingredientes vitais da civilização humana, pois, longe de serem fabulações vãs, teorias abstratas ou fantasias artísticas, são realidades vivas às quais se recorre incessantemente (Malinowsky, 1926). (WINOGRAD; MENDES, 2012, p. 227).

Nos próximos tópicos analisaremos os fundamentos gerais do mito e as principais características da narrativa mítica.

2.6 FUNÇÕES DO MITO

O mito é uma potência que por meio de um caráter simbólico-imagético une um grupo ou comunidade específica, conforme observado pelas diversas escolas antropológicas. Essa força motriz que potencializa as mais diversas emoções apresenta em sua narrativa um caráter moral e por vezes religioso e por conta de seu caráter de natureza dogmática não necessita de uma prova de validação lógica para atestar a sua veracidade, o que significa que os gregos atribuíam um caráter de verossimilhança ao mito baseado apenas na narrativa, na maioria das vezes feita em público pelo poeta. Compreende-se a linguagem do mito como:

[...] objeto de uma experiência numinosa arcaica. Essa experiência da linguagem está profunda e inextricavelmente ligada a uma certa concepção arcaica de linguagem, a uma certa concepção arcaica de tempo, a uma concepção arcaica de Ser e de Verdade. (HESÍODO, 2001, p. 14).

Esse elemento que conduz o homem, e em especial ao homem grego, ocupa um papel que por diversas vezes sobressai-se como um elemento independente da forma de pensar e com características que lhe são deveras peculiares.

Dentro de sua função social, o mito procura situar o homem no mundo dando ao indivíduo não apenas uma percepção da realidade, mas acomodando o ser humano em um mundo inóspito e por vezes hostil e tranquilizando-o diante das adversidades encontradas. O mito fixa modelos exemplares por meio dos mais variados ritos e nas diversas atividades da vida humana. Uma das características do mito é através de sua narrativa acentuar os desígnios divinos e destacar o homem como um subordinado aos caprichos dos deuses. Um exemplo que ilustra essa característica do mito é o Mito de

Prometeu³⁸, narrado pelo poeta grego Hesíodo no século VIII a.C. e pode ser encontrado na sua obra *Teogonia*, narrando a punição que o titã recebeu ao desobedecer às ordens de Zeus³⁹ e foi acorrentado em um rochedo por Heféstos⁴⁰:

Condenados, desde o seu nascimento, aos tormentos e aos cuidados, os primeiros homens não tinham para, para nutrir-se, senão frutas cruas e carnes sangrentas. [...] Tomado de piedade por sua miséria, Prometeu, para colocar os homens em situação de viver melhor, de defender-se com armas eficazes contra as feras, de cultivar com instrumentos adequados a nutriente Terra, resolveu dar-lhes o fogo e ensinar-lhes, com a arte de trabalhar os metais, os meios de escapar à sua deplorável e lamentável sorte. [...] Aproximando-se das forjas abrasadoras de Hefesto, roubo uma centelha de fogo que fundia os metais [...] e levou-a como oferenda, aos homens. A humanidade desde então conheceu, com o fogo, a felicidade de viver melhor, de comer um alimento menos selvagem, de aquecer-se, de receber a luz. Mas, em sua alegria imoderada, ela julgou-se igual aos poderes divinos, esquecendo seus deveres para com os mesmos. Zeus, então, que os homens saíam dos justos limites, colocando seus desejos mais altos que seus destinos, resolveu castigar aquele cujo roubo havia ocasionado esta presunção sacrílega. Transportou Prometeu para o mais alto cume do Cáucaso e mandou Hefestos pregar o Titã a um rochedo escarpado. Contra a vontade, o divino ferreiro obedeceu. [...] Para cúmulo do infortúnio, todas as manhãs, uma águia de asas abertas ia pastar em seu fígado imortal, e esse monstro de garras recurvas devorava, durante o dia, tudo quanto, à noite, aí podia renascer. Esse suplício deveria durar mil anos, mas, ao fim de trinta anos, Zeus, apaziguado, perdoou o culpado, consentindo em introduzi-lo entre os Bem-aventurados. (MEUNIER, 1961, p. 80-81).

A narrativa de Hesíodo destaca a submissão do homem aos desígnios divinos e uma punição ou recompensa aqueles que desobedecem aos caprichos dos deuses. O mundo humano e divino é separado, ao homem cabe apenas recorrer ao mundo dos deuses para explicar uma ordem subjacente ao seu cosmos humano. O mito de Prometeu é um recurso estilístico utilizado pelo poeta Hesíodo para explicar a busca do homem pelo conhecimento bem como delimitar a hierarquia e a ordem social na sociedade grega. Todos os aspectos do mito de Prometeu acentuam a delimitação do homem e dos deuses, mostrando o homem superior aos demais seres, entretanto, inferior aos deuses e com isso submetido ao desígnio e ao capricho destes imortais. Os deuses possuem o conhecimento (o fogo) e a insubordinação de Prometeu (um Titã) fez com que este recebesse uma punição exemplar pelo descumprimento de uma norma socialmente aceita.

³⁸ Titã filho de Jápeto. Benfeitor dos homens, em conflito com Zeus (cf. VERNANT, 2014, p. 59-61).

³⁹ Soberano dos deuses. Tornou-se o senhor do Olimpo ao derrotar os titãs (cf. VERNANT, 2014, p. 28-46).

⁴⁰ Filho de Zeus. Deus da forja e da metalurgia (cf. GRAVES, 2017, p. 141-144).

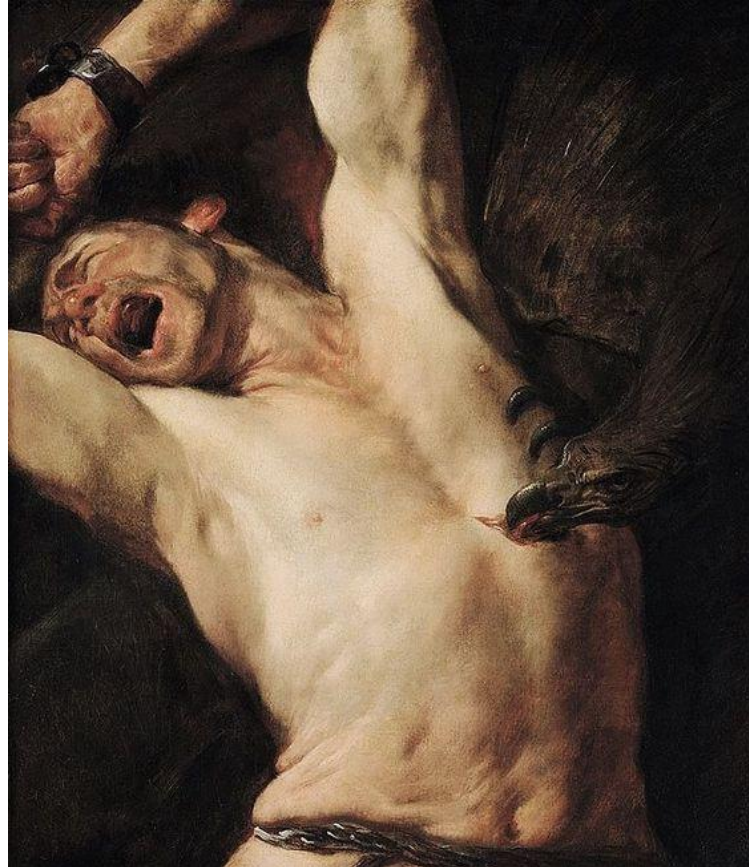


Figura 2 – *A tortura de Prometeu*. Arte de Gioacchino Assereto (século XVII). Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/316940892527117619/>. Acesso em: 19 jul. 2020.

Outro detalhe que se pode destacar nessa narrativa é o caráter pedagógico do mito. Com uma lógica de ação-reação, o mito engloba em seu escopo teórico uma relação de afetos envolvendo os personagens em uma trama com um fundo moral, ensinando que através de punições e recompensas o homem dotando o homem de um conforto por vezes espiritual e acomodando-o em um mundo desconhecido e por vezes assustador. Joseph Campbell, estudioso do mito nas mais diversas culturas, sobre o caráter pedagógico do mito afirmou: “[...] existe uma quarta função do mito, aquela, segundo penso, com que todas as pessoas deviam tentar se relacionar — a função pedagógica, como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. Os mitos podem ensinar lhe isso” (CAMPBELL, 1990, p. 45).

Além do caráter pedagógico, Campbell (1990) descreveu outras três funções do mito, que seriam: a função mística, a função cosmológica e a função sociológica.

A função mística do mundo apresenta-se como uma espécie de “porto seguro” a qual o homem atribui em um primeiro momento a importância vital de sua existência e, por meio de enigmas, mistérios e símbolos molda o mundo conforme a sua necessidade

e aos seus anseios. É o primeiro contato do homem com o mundo, relacionando elementos do mundo físico-natural a elementos fantástico-sobrenaturais.

[...] é disso que venho falando, dando conta da maravilha que é o universo, da maravilha que é você, e vivenciando o espanto diante do mistério. Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá uma mitologia. (CAMPBELL, 1990, p. 44).

Abrindo caminho para uma dimensão transcendente a função mística cumpre o papel de, por meio de mistérios e revelações, adequar o homem no mundo. Já a função cosmológica do mito, conforme observa Campbell seria “[...] a dimensão da qual a ciência se ocupa — mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo de uma tal maneira que o mistério, outra vez, se manifesta” (CAMPBELL, 1990, p. 44). Esta dimensão apresenta um aspecto de equiparar de maneira harmônica a nossa realidade com a concepção estrutural do cosmos. Diferente da concepção mística, com o seu caráter oculto e seus mistérios, a compreensão cosmológica procura racionalizar e tornar compreensível a origem do cosmos ao homem. Uma maneira de exemplificar essa narrativa é o mito de criação de Hesíodo:

Reza a lenda que primeiro foi a Escuridão, e da Escuridão surgiu o Caos. Da união entre Escuridão e Caos surgiram a Noite, o Dia, Érebo e o Ar.
Da união entre a Noite e Érebo surgiram o Destino, a Velhice, a Morte, o Assassinato, a Moderação, o Sono, os Sonhos, a Discórdia, a Miséria, a Aflição, Nêmesis, a Alegria, a Amizade, a Misericórdia, as três Parcas e as três Hespérides.
Da união entre o Ar e o Dia surgiram a Mãe Terra, o Céu e o Mar.
Da união entre o Ar e a Mãe Terra surgiram o Terror, o Ofício, a Raiva, a Luta, as Mentiras, os Juramentos, a Vingança, a Intemperança, a Altercação, o Pacto, o Esquecimento, o Medo, o Orgulho, a Batalha e também Oceano, Métis e outros titãs, os Tártaros e as três Erínias, ou Fúrias.
Da união entre a Terra e o Tártaro surgiram os gigantes. (GRAVES, 2017, p. 53).

A função sociológica compreende a comprovação de uma ordem social observada nos detalhes regionais e temporais do mito que abarcam essa idiosincrasia.

A terceira função é a sociológica — suporte e validação de determinada ordem social. E aqui os mitos variam tremendamente, de lugar para lugar. Você tem toda uma mitologia da poligamia, toda uma mitologia da monogamia. Ambas são satisfatórias. Depende de onde você estiver. Foi essa função sociológica do mito que assumiu a direção do nosso mundo — e está desatualizada. (CAMPBELL, 1990, p. 45).

Campbell observa que esta função está desatualizada porque ela fornece substratos para manter uma sociedade desigual e preconceituosa utilizando a narrativa como justificativa, como, por exemplo, os mitos de soberania que serviam para justificar que por meio de uma hierarquia no mundo dos deuses deveria ter uma hierarquia no mundo dos homens. Outro exemplo seriam as punições e perseguições de Hera⁴¹ as diversas amantes de Zeus para justificar o matrimônio, a monogamia e a unidade familiar.

2.7 O CANTO DOS POETAS

Essa gama de saberes e informações que compreende o universo do mito na Grécia Antiga era transmitida de geração após geração, abordando temas que variavam desde a origem do cosmos até a genealogia dos deuses, passando por temas de caráter moral e projetando na figura dos deuses elementos humanos, demasiados humanos. Essa narrativa poderia ocorrer em particular, isto é, no âmbito familiar ou em público. Nesse contexto, surge uma figura central responsável pela narrativa, essa figura era o poeta.

[...] é pela voz dos poetas que o mundo dos deuses, em sua distância e sua estranheza, é apresentado aos humanos, em narrativas que põem em cenas potências do além revestindo-as de uma forma familiar, acessível à inteligência. Ouve-se o canto dos poetas, apoiado pela música de um instrumento, já não em particular, num quadro íntimo, mas em público, durante os banquetes, as festas oficiais, os grandes concursos e jogos. (VERNANT, 2006, p. 15).

Conforme Vernant observa, a narrativa poética na Grécia Antiga não se trata apenas de um mero capricho reservado a uma elite intelectual, mas conserva elementos necessários a preservar a memória social da civilização grega estabelecendo um vínculo direto entre o homem e o grupo ao qual pertence dotando-o de um senso de unidade independente da cidade-estado ao qual pertença.

É na poesia e pela que se exprimem e se fixam, revestindo uma forma verbal fácil de memorizar, os traços fundamentais que, acima dos particularismos de cada cidade, fundamentam para o conjunto da Hélade de uma cultura comum — especialmente no que concerne às representações religiosas, quer se trate dos deuses propriamente ditos, quer dos demônios, dos heróis, dos mortos. Se não existissem todas as obras da poesia épica, lírica, dramática,

⁴¹ Esposa e irmã de Zeus. Deusa da maternidade e da unidade familiar (cf. GRAVES, 2017, p. 86-90).

poder-se-ia falar de cultos gregos no plural, mas não de *uma* religião grega. (VERNANT, 2006, p. 16).

Observando as narrativas de Homero e Hesíodo sob este prisma, destaca-se o valor quase canônico que a obra destes poetas apresenta servindo de referência para os autores posteriores bem como para o público que absorveu essa narrativa. Pela narrativa poética, os meros mortais adquirem contornos quase mágicos beirando a imortalidade e rivalizando com os deuses ao adquirir esse status por permanecer na lembrança daqueles que ouviram ou leram essas poesias. A ordem social dos cosmos era transmitida pelo poeta que expõe e por vezes modifica a narrativa conforme a sua vontade e/ou necessidade.

3 A ESCOLA DE MILETO

Antes da filosofia existia o mito, com suas explicações imagético-simbólicas com a finalidade de explicar a origem do real. Acredita-se que o homem grego percebendo certas contradições existentes no universo imagético-simbólico do mito buscou outra maneira para explicar a origem do cosmos, da natureza e a causa primeira que originou toda a multiplicidade existente no mundo natural baseando-se na observação do mundo natural e do levantamento de hipóteses racionais. Perguntas como de onde tudo vem? De que tudo é feito? Como explicar a pluralidade do mundo natural? A matematização da natureza? São características desse período. Não se deve entender essa passagem do mito para o pensamento científico-filosófico como uma ruptura definitiva, mas como uma alternativa que dê conta da realidade. O mito existiu até o fim da civilização helênica e, de certa forma existe na sociedade atual. O pensamento científico-filosófico originou-se na Ásia Menor, para ser preciso na Jônia, região que atualmente corresponde à Turquia. Nessa região, para ser preciso em Mileto por volta dos séculos VII a VI a.C. tem início o pensamento científico-filosófico com Tales de Mileto.

Segundo a tradição, a filosofia grega teve seu início em 585 a.C. e chegou ao fim em 52 d.C. Originou-se quando Tales de Mileto, o primeiro filósofo grego, previu um eclipse do Sol. Terminou quando o imperador cristão Justiniano proibiu o ensino da filosofia pagã na Universidade de Atenas. Tal tradição é uma simplificação: os gregos cultivavam pensamentos filosóficos desde 585 a.C. e o édito de Justiniano, qualquer que tenha sido seu propósito não impôs um fim abrupto à filosofia pagã. Todavia, as datas tradicionais mantêm-se como linhas demarcatórias convenientes e memorizáveis à trajetória da filosofia antiga. (BARNES, 2003, p. 9).

Dos primeiros filósofos nada de completo chegou até nós. Apenas fragmentos de suas obras e, em alguns casos relatos de filósofos posteriores. Conhecida como doxografias⁴², esses fragmentos dos primeiros filósofos bem como os comentários de filósofos e historiadores gregos posteriores foram reunidos por Herman Diels⁴³ e posteriormente reorganizadas por Walther Kranz⁴⁴ que passou a ser conhecida no meio acadêmico como uma citação padronizada Diels-Kranz. Por ser considerada uma fonte secundária, isto é, uma compilação de pensadores posteriores uma das

⁴² Do grego δόξα (*doxa*) = opinião e γραφή (*grafé*) = escrito, ou “conversações”.

⁴³ Herman Diels (1848-1922) – Filólogo e historiador alemão.

⁴⁴ Walther Kranz (1884-1960) – Filósofo, historiador da filosofia e filólogo alemão.

principais dificuldades encontradas é separar o que realmente seria o pensamento dos primeiros filósofos de comentários de pensadores posteriores.

[...] Algumas dessas referências são alusões breves e casuais, meros adornos a um texto voltado não para a transmissão de informações históricas sobre a aurora da filosofia. Muitas das referências estão entranhadas em textos filosóficos posteriores — por exemplo, na *Metafísica* e na *Física* de Aristóteles. Tais registros tem uma finalidade histórica e foram escritos com uma finalidade filosófica, mas não constituem propriamente “histórias da filosofia.

[...] Essas histórias — ou “doxografias”, como normalmente são denominadas — têm sido alvo de profunda investigação de parte de estudiosos. Seu valor intrínseco é discutível. Foram escritas séculos depois do pensamento que relatam, e por homens de diferentes interesses e diferentes perspectivas.

[...] Além das referências e relatos posteriores, contamos ainda com alguns fragmentos efetivos das obras originais dos pré-socráticos. [...] Em alguns casos possuímos suficientes fragmentos para formar uma idéia razoavelmente precisa da obra original. Quanto mais completos os fragmentos, menos precisamos nos apoiar no material doxográfico. Contudo, mesmo nos casos mais favoráveis, as doxografias têm sua importância: oferecem evidências indiretas onde há falta de evidências diretas e constituem uma inestimável contribuição para a interpretação dos próprios fragmentos. (BARNES, 2003, p. 28-29).

Foi na cosmopolita cidade de Mileto, conhecida como o “orgulho da Jônia” e economicamente próspera graças à adoção do sistema monetário da Ásia Menor que conferiu certo poder à classe mercantil e reduziu gradativamente o poder da aristocracia local, encontramos as fontes mais antigas do pensamento científico-filosófico ocidental. Mileto localiza-se em uma região geográfica privilegiada, propícia a navegação e a práticas comerciais (BOTELHO, 2015, p.29). Os principais parceiros comerciais eram o reino da Lídia, que compreende a atual Anatólia, que por sua vez mantinha alianças mercantis com a Babilônia e o Egito cujo conhecimento em rudimentos de matemática e astronomia exerceu uma influência sutil no pensamento científico-filosófico dos milésios. A cidade-estado de Mileto era considerada o centro das atividades no mundo grego, foi nessa região que Tales de Mileto considerado o primeiro filósofo do mundo grego desenvolveu as suas teorias. Nessa primeira parte do trabalho analisaremos a chamada Escola de Mileto, com Tales, Anaximandro e Anaxímenes.



Figura 3 – Localização da Jônia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%B4nia#/media/Ficheiro:Turkey_ancient_region_map_ionia-pt.svg. Acesso em: 30 jul. 2020.

3.1 TALES DE MILETO

Considerado um dos Sete Sábios do mundo antigo segundo Diógenes Laércio⁴⁵, Tales de Mileto nasceu por volta de 624 a.C. e faleceu na 58ª (GLEISER, 1998, p. 45) com a idade de 78 anos. Conforme observou Aristóteles na *Metafísica* (GLEISER, 1998, p. 44) é o fundador do pensamento filosófico ocidental.

Tales é tido como o primeiro a introduzir o estudo da natureza entre os gregos: embora muitos outros tenham-no precedido, como admite o próprio Teofrasto, ele os sobrepujou de longe, a ponto de eclipsar todos os seus predecessores. Dizem, porém, que não deixou nada sob forma escrita, à exceção da chamada *Astronomia Náutica*. (SIMPLÍCIO, *Comentário à física*, 23.29-33 apud BARNES, 2003, p. 71).

Embora nenhum de seus escritos originais tenha sobrevivido à ação do tempo, é atribuída a Tales a primazia da água como elemento responsável pela origem de todas as coisas (“tudo é água”) e as frases “todas as coisas estão cheias de deuses”

⁴⁵ Tales de Mileto foi alçado a condição de um dos Sete Sábios da Grécia devido a sua atuação política, é creditado a Tales de Mileto um projeto de unir as cidades-Estado da Ásia Menor e criar uma espécie de “confederação” com o intuito de protegê-las de uma possível invasão de povos orientais.

e “a pedra magnética possui um poder que move o ferro”, estas últimas frases provavelmente apresentam uma observação em relação a um ímã.

[...] dizem que teria argumentado que os ímãs “possuem alma” e (que são dotados de vida) e que tudo está pleno de deuses. Sugeriu que a Terra flutuava em um vasto colchão de água — ou que tudo é formado de água, que a água é o princípio racional e a *arché* de tudo. (BARNES, 2003, p. 41).

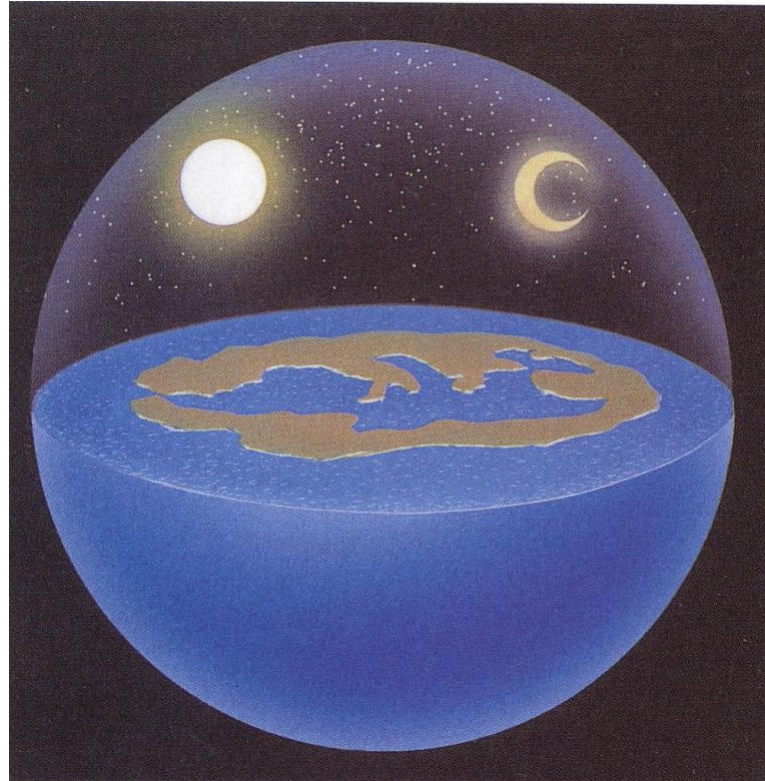


Figura 4 – Modelo cosmológico de Tales de Mileto. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.r7.com/wp-content/uploads/2020/06/tales-de-mileto-quem-foi-vida-contribuicao-filosofica-e-obras-principais-1-1002x1024.jpg> . Acesso em: 31 jul. 2020.

A cosmologia de Tales, acredita-se que influenciada por conhecimentos oriundos do Egito, elaborava um sistema no qual a Terra seria um disco plano boiando no elemento primordial responsável pela origem de todas as coisas: a água, o Sol, a Lua e as estrelas seriam bolas de fogo. Outro fato relevante seria a previsão de um eclipse total do sol em 585 a.C. É atribuído a Tales com base em seus conhecimentos astronômicos e meteorológicos a previsão de uma excelente colheita de azeitonas.

A aceção da água como o elemento originário de todas as coisas, representou uma verdadeira revolução na história do pensamento ocidental, não mais deuses seriam os responsáveis pela origem da diversidade existente no mundo natural, mas um princípio racional seria o responsável por toda a ordenação do mundo natural.

Para a história da filosofia, a importância de Tales advém, sobretudo de ter afirmado que a água era a origem de todas as coisas. A água seria a *physis*, que, no vocabulário da época, abrangia tanto a aceção de "fonte originária" quanto a de "processo de surgimento e de desenvolvimento", correspondendo perfeitamente a "*gênese*". Segundo a interpretação que dará Aristóteles séculos mais tarde, teria tido início com Tales a explicação do universo através da "causa material". Historiadores modernos, porém, rejeitam essa interpretação, que "aristoteliza" Tales, atribuindo-lhe preocupação de cunho metafísico. Assim, há quem afirme (Paul Tannery) que Tales foi importante apenas como introdutor na Grécia de noções da matemática oriental, que ele mesmo desenvolveu e aperfeiçoou, e de mitos cosmogônicos, particularmente egípcios, que laicizou, dando-lhe sustentação racional. Noutra interpretação (Olof Gigon), "o surgir da água" significaria um processo geológico, sem aceção metafísica: tudo estaria originariamente encoberto pela água; sua evaporação permitiu que as coisas aparecessem. Por outro lado, alguns intérpretes consideram que outra sentença atribuída a Tales — "tudo está cheio de deuses" — representa não um retorno a concepções míticas, mas simplesmente a idéia de que o universo é dotado de animação, de que a matéria é viva (hilozoísmo). (SOUZA, 1996, p. 19).

Provavelmente influenciado por crenças orientais, Tales escolheu a água como elemento fundamental da natureza. A água em seus três estados (sólido, líquido e gasoso) assume diversas e infinitas formas. Uma frase aparentemente simples: "tudo é água" traz uma ideia bem complexa e inaugura o pensamento científico-filosófico ocidental conforme observou Hegel:

A proposição de Tales de que a água é o absoluto ou, como diziam os antigos, o princípio de tudo, é uma idéia filosófica: com ela, a filosofia começa, porque através dela chega-se à consciência de que o Um é a essência, o verdadeiro, o único que é em si e para si. (HEGEL, *Introdução a história da filosofia* apud BOTELHO, 2015, p. 31).

Conforme foi citado anteriormente, nenhum escrito de Tales chegou até nós, contudo, sabe-se que seu legado influenciou de maneira decisiva um de seus mais importantes discípulos e considerado um dos pensadores mais originais da Jônia: Anaximandro.

3.2 ANAXIMANDRO

Discípulo de Tales e considerado o seu sucessor. Viveu em Mileto por volta do século VI a.C. Assim como Tales, acreditava que um elemento do mundo natural seria o responsável pela multiplicidade existente no mundo natural, e a esse elemento ele denominou de apeíron, termo grego cujo significado seria infinito, ilimitado ou indeterminado.

Anaximandro foi certamente um *physios* consumado, e com certeza a princípio ou arché de todas as coisas naturais. Contudo, não identificou esse princípio básico com nenhuma espécie familiar de matéria: a arché era descrita simplesmente como o “infinito” — infinito em extensão e também indefinido em características. Desse infinito os elementos do mundo — terra, ar, água etc. — eram gerados mediante um processo no qual as noções gêmeas de quente e frio desempenhavam certo papel. Os elementos gerados transgridem os limites uns dos outros e devem, no curso do tempo, reparar a “injustiça” que praticaram. (Podemos pensar nas transgressões alternantes do verão e inverno, do quente e seco e frio e úmido). O mundo, portanto, é governado por uma lei. Anaximandro produziu também um detalhado registro de fenômenos naturais. As duas particularidades mais notáveis de seu estudo residem na biologia (onde especulou acerca da origem da humanidade) e na astronomia (onde desenvolveu uma engenhosa descrição do sistema celeste e sugeriu que a Terra se mantém fixa no lugar, desprovida de sustentação, no meio do universo, por equidistante de cada parte do céu que a circunda). (BARNES, 2003, p. 41-41).

A cosmologia de Anaximandro levou as ideias de Tales a um nível de sofisticação nunca visto antes, propondo que a Terra seria uma espécie de cilindro cuja razão entre o diâmetro e o cilindro seria de um terço. Circundaria a Terra uma espécie de roda cósmica composta por fogo e o sol nada mais é que um furo na superfície dessa roda que deixaria o fogo escapar. Para explicar o movimento do Sol e da Terra, Anaximandro afirmava que a roda girava fazendo com que os astros que a circundavam girassem juntos.

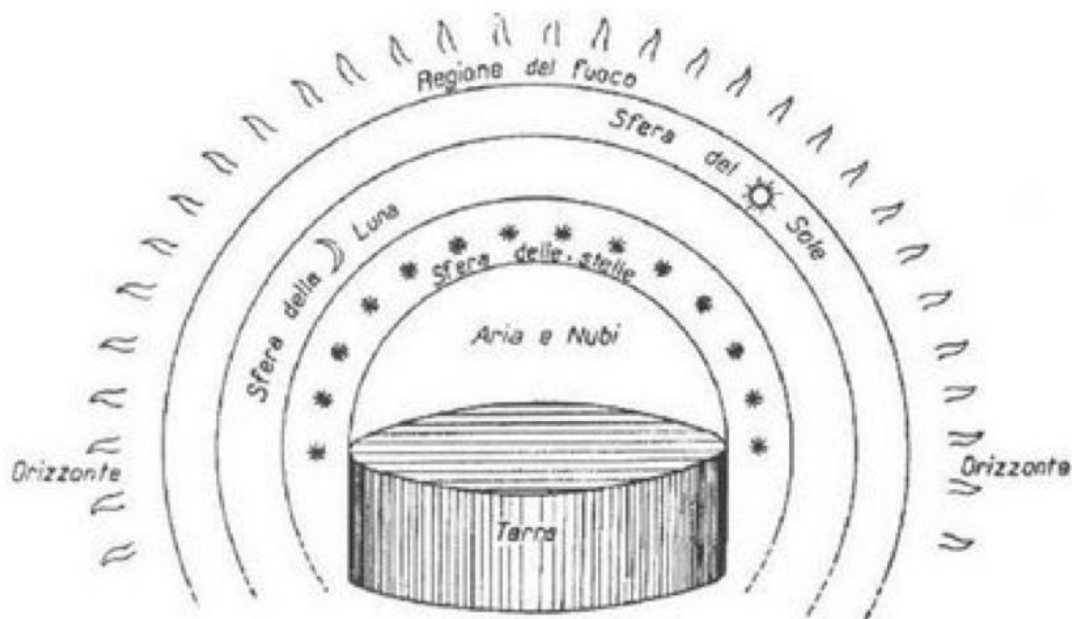


Figura 5 – Modelo cosmológico de Anaximandro. Disponível em: <http://reflexionemarginales.com/3.0/wp-content/uploads/2015/11/3.21.png>. Acesso em: 1º ago. 2020.

As fases da Lua seriam explicadas por um procedimento semelhante, ou seja, a Lua seria um furo nessa roda cósmica bem como as estrelas. Apesar de ser aparentemente estranho, Anaximandro propôs uma espécie de modelo mecânico do cosmos sendo o primeiro pensador a conceber esse modelo. As principais ideias de Anaximandro podem ser sintetizadas por um comentador posterior:

Anaximandro foi um discípulo de Tales — Anaximandro, filho de Praxíades, um milésio. Afirmava ser uma determinada natureza infinita o princípio originário das coisas existentes. Dela originam-se os céus e os mundos que neles existem. É eterna, não envelhece e abarca todos os mundos. Menciona ele o tempo, uma vez que a geração, a existência e a dissolução são determinadas.

Anaximandro dizia que o infinito é o princípio e o elemento das coisas existentes, sendo o primeiro a referir-se a ele pelo nome de princípio. Além disso, há um eterno movimento através do qual os céus se originam.

A Terra está suspensa, sem que coisa alguma a sustente, repousando ali onde está em razão da equivalência de suas distâncias com relação a tudo. Sua forma é redonda, circular como um pilar de pedra. Quanto a suas superfícies, estamos colocados sobre uma delas, enquanto a outra encontra-se no lado oposto. Os corpos celestes são criados como círculos de fogo, separados do fogo no mundo e envoltos pelo ar. Existem certos canais tubulares, ou respiradouros, através dos quais os corpos celestes fazem sua aparição; por conseguinte, dão-se os eclipses quando os respiradouros são obstruídos, enquanto a lua aparece ora crescendo, ora minguando segundo os canais estejam obstruídos ou abertos. O círculo solar é vinte e sete vezes maior <do que a terra e o círculo> lunar <dezoito vezes maior>. O sol se localiza à maior altura, com os círculos das estrelas fixas mais abaixo.

Os animais são gerados “a partir da umidade” evaporada pelo sol. Os seres humanos assemelhavam-se originalmente a outra espécie animal, a saber, o peixe.

Os ventos são gerados quando os vapores mais sutis do ar se separam, se reúnem e se põem em movimento. A chuva provém do vapor que se eleva das coisas que estão sob o sol. O relâmpago se dá quando o vento se põe em ação e rompe as nuvens.

Nasceu no terceiro ano da quadragésima segunda olimpíada [610/609]. (HIPÓLITO, *Refutação de todas as Heresias I*, vi 1-7 apud BARNES, 2003, p. 83-84).

Outro relato doxográfico — este feito por Plutarco — contém algumas informações que complementam o relato anterior:

Anaximandro, companheiro de Tales, afirma ser o infinito a causa universal da gênese e da dissolução do universo. A partir dele, diz Anaximandro, foram separados os céus, bem como todos os mundos em geral, infinitos em número. Postulou que a dissolução e, muito anteriormente, a gênese datam de tempos imemorais, com as mesmas coisas sempre renovadas.

Afirma que a conformação da Terra é cilíndrica e que sua profundidade equivale a um terço de largura.

Diz ele que, na gênese deste mundo, aquilo que, a partir do eterno, é produtivo do calor e do frio se separou, e dele uma esfera de chamas se formou ao redor do ar que circunda a Terra, como a casca em torno da árvore.

Quando a esfera se rompeu e foi confinada em alguns círculos, o sol, a lua e as estrelas passaram a existir. Ademais, diz ele que os seres humanos originalmente nasceram de animais de uma espécie diferente, tendo em vista que os outros animais desde cedo conseguem cuidar de si mesmos, ao passo que os seres humanos são os únicos que requerem um longo período de cuidados; por essa razão, tivesse sido esta sua forma original, não teriam sobrevivido. (PLUTARCO, *Miscelâneas*, fragmento 179.2 em Eusébio, *Preparação para o Evangelho I*, vii 16 apud BARNES, 2003, p. 85).

As concepções de Anaximandro acerca do mundo foram reunidas em um livro chamado de *Sobre a Natureza*, entretanto, conforme observado anteriormente nada chegou até nós. Além dessa obra, elaborou um mapa celeste e uma espécie de mapa-múndi. Faleceu pouco depois da quinquagésima olimpíada aos sessenta e quatro anos (547-546 a.C.). Teve como discípulo mais famoso o filósofo Anaxímenes, que procurou conciliar as teorias de Tales e Anaximandro.

3.3 ANAXÍMENES

Considerado o último grande discípulo da chamada escola de Mileto, cuja característica é a busca de um elemento responsável pela origem de toda a matéria, procurou conciliar as doutrinas de Tales e Anaximandro. Assim como Tales, Anaxímenes acreditava que o elemento seria algo permeava todos os seres e sem o qual a sobrevivência de todos dependia dele e como Anaximandro tinha a crença que esse elemento seria uma espécie de “conceito abstrato”, isto é, algo imperceptível aos olhos do homem, mas poderíamos sentir a sua ação. Com base em suas observações concluiu que esse elemento seria o ar. Assim como Anaximandro, Anaxímenes também concebeu um sistema cosmológico no qual as estrelas são fixas, presas a uma esfera cristalina que gira em torno da Terra e essas estrelas, conforme a teoria de Anaxímenes seriam transparentes.

Em relação à origem de toda a multiplicidade existente no mundo natural, a explicação encontrada por Anaxímenes seria o ar que ao mudar a sua densidade compunha todas as coisas. Ao tornar-se rarefeito transformava-se em fogo, denso seria dava forma ao vento e subsequentemente água, terra e pedra (cf. GLEISER, 1998, p. 48). Dentre os mais variados registros doxográficos que chegou até os dias atuais o mais completo é aquele fornecido por Hipólito:

Anaxímenes, filho de Euristrato, era também milésio. Acreditava que o ar infinito é o princípio originário do qual provém tudo quanto caminha para a existência, que já existe e que virá a existir, bem como os deuses e as divindades, ao passo que todo o resto provém dos entes por ele gerados. A forma do ar é a seguinte: quando mais uniformemente distribuído ele é invisível, mas se torna perceptível pela ação do calor, do frio, da umidade e do movimento. Encontra-se sempre em movimento; pois as coisas que se transformam não se transformariam caso ele não estivesse em movimento. Pois no momento em que é condensado ou rarefeito seu aspecto se modifica: ao dissolver-se em uma condição mais sutil transforma-se em fogo; os ventos, por sua vez, são ar condensado, e quando condensado ao mais alto grau, transforma-se em pedras. Assim, os fatores de maior influência na geração das coisas são opostos — frio e calor.

A Terra é plana e flutua no ar; da mesma forma o Sol, a Lua e os demais corpos celestes, todos ígneos, flutuam no ar em razão de sua forma plana. Os corpos celestes originaram-se da Terra, pois da Terra ergueu-se o vapor que, rarefeito, produziu o fogo; e do fogo elevado às alturas formaram-se os corpos celestes. Existem, igualmente, algumas substâncias terrenas na região dos corpos celestes, que orbitam em companhia destes. Afirma eles que os corpos celestes se deslocam não por debaixo da Terra, como supunham alguns, mas em torno da Terra — da mesma forma como um gorro de feltro em torno da cabeça. E o Sol se esconde não porque está passando por sob a Terra, mas por estar encoberto pelas regiões mais elevadas da Terra e em razão de sua maior distância em relação a nós. Os corpos celestes não nos aquecem em decorrência de sua grande distância.

Os ventos são gerados quando o ar é condensado e impelido em movimento. À medida que o ar vai-se aglomerando e ganhando progressivamente densidade, são geradas as nuvens e dessa forma ele se transforma em água. O granizo se forma quando a água despejada das nuvens se solidifica, e a chuva, quando essas mesmas coisas se solidificam em uma forma mais aquosa. O relâmpago ocorre quando as nuvens se partem pela força dos ventos; pois quando se partem, apresenta-se um clarão brilhante e ígneo. Os arco-íris são gerados quando os raios solares se derramam sobre o ar compacto; os terremotos, quando a Terra sofre consideráveis alterações pelo aquecimento e resfriamento.

Essas são as doutrinas de Anaxímenes. Que floresceu no primeiro ano da quinquagésima oitava olimpíada [548/547 a.C.] (HIPÓLITO, *Refutação de todas as Heresias I*, vii 1-9 apud BARNES, p. 91-93).

Conforme aponta Diógenes Laércio (BARNES, 2003, p. 91), Anaxímenes escreveu em “um estilo jônio simples e conciso” em oposição ao modelo de escrita de Anaximandro que procurava empregar termos um tanto quanto poéticos. Faleceu por volta de 528-525, na 63ª Olimpíada.

4 MOBILISMO E IMOBILISMO NO PENSAMENTO DE HERÁCLITO E PARMÊNIDES

A chamada Escola de Mileto significou uma verdadeira revolução no que concerne ao saber técnico-científico no Ocidente comparável apenas a Revolução Científica ocorrida na Europa na Idade Moderna. Os jônicos estabeleceram um sistema cosmológico culminando no primeiro modelo mecânico de Anaximandro, uma observação crítica dos fenômenos naturais e preocupação em problematizar a causa primeira, a *arché*. Entretanto, os primeiros filósofos não se preocuparam em problematizar o que seria o movimento, cabendo esta tarefa a pensadores posteriores como Heráclito de Éfeso e Parmênides de Eleia.

4.1 HERÁCLITO DE ÉFESO

Nascido em Éfeso, não muito distante de Mileto, Heráclito era uma figura um tanto quanto enigmática a ponto de ser conhecido pela alcunha de O Obscuro devido ao fato de falar de maneira enigmática e incompreensível. Seus registros biográficos nos transmite a imagem de um homem com características excêntricas e singulares. Era acometido de uma melancolia profunda, um misantropo além de se comunicar através de enigmas. Consta que teve um discípulo que chamado Crátilo que pouco ou nada aprendeu em relação ao pensamento do mestre, limitando-se apenas a repetir os ensinamentos do mestre e ao ser questionado fazia gestos pedindo silêncio e apontava para alguma direção. Conforme observa alguns biógrafos, até a morte de Heráclito apresenta elementos controversos que exemplificam as suas peculiaridades.

Da sua morte, chegaram-nos múltiplas e fantasiosas versões: segundo Diógenes, Heráclito, padecendo de Hidropisia (uma acumulação de líquidos nos tecidos internos), foi à cidade e interpelou os médicos com um enigma: perguntou-lhes se eram capazes de transformar a chuva em seca; os médicos não entenderam e Heráclito refugiou-se em um estábulo, onde se sepultou debaixo de esterco com a esperança, vã, de que o seu calor curasse a doença.

Mais truculenta é a versão de Neantes: sepultado debaixo de esterco, Heráclito ficou irreconhecível e foi devorado pelos cães. (PALAZZO, 2015, p. 37-38).

Independente da veracidade dos relatos acima, eles servem para ilustrar a solidão de Heráclito e demonstrar certas peculiaridades que o fizeram ter a fama de excêntrico. Os aspectos essenciais do pensamento de Heráclito baseiam-se na doutrina segundo a qual nada permanece fixo ou estático, e concebia a realidade em uma espécie de disputa entre pares opostos e semelhante aos demais filósofos jônicos escolheu um elemento que representasse a transformação ocorrida no mundo natural e o elemento segundo Heráclito que representaria a matéria básica do cosmos seria o fogo.

Embora exista pouco consenso entre os especialistas sobre a verdadeira natureza do pensamento de Heráclito, o aspecto mais importante de seus ensinamentos baseia-se na doutrina de que “tudo está em mudança e nada permanece parado”, como escreveu Platão no *Crátilo*. Em uma de suas citações mais conhecidas, Heráclito diz que “não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”. Ele estendeu essa idéia desde a Natureza até o comportamento humano, sempre enfatizando a importância da tensão e complementaridade entre opostos como a força motriz por trás do dinamismo do mundo à nossa volta. (GLEISER, 1998, p. 49).

O fogo representaria em Heráclito o logos, por meio do fogo tudo tem o seu início pela rarefação e, semelhante ao rio, tudo flui. O fogo tem a capacidade de colocar tudo em movimento. Em sua cosmologia Heráclito concebe o fogo como elemento gerador e constituinte dos corpos celestes e o cosmos, diferente dos filósofos de Mileto, era eterno e em constante fluxo.

[...] Os objetos celestes eram pratos contendo fogo, sendo o sol o mais quente e brilhante. Eclipses ocorriam à medida que o prato contendo o Sol girava, cobrindo sua luz. O mesmo acontecia com as fases da Lua. Não é particularmente claro se Heráclito de fato levava essas ideias a sério. É sua visão de Natureza como uma entidade dinâmica, sempre em transformação, que terá um papel fundamental no desenvolvimento futuro do pensamento grego. (GLEISER, 1998, p. 50).

Importante salientar a crença nos opostos, resultante de tensões existentes entre forças contrárias e uma harmonia entre essas forças. Heráclito depositava o *logos*, isto é, a razão nada mais é conforme observou Heráclito um aspecto inerente de uma realidade uma. O Uno e o Múltiplo não seriam exatamente forças opostas, mas forças complementares que expressam uma relação de mudança, devir.

O Logos seria a unidade nas mudanças e nas tensões a reger todos os planos da realidade: o físico, o biológico, o psicológico, o político, o moral. E a unidade nas transformações: "Deus é dia-noite, inverno-verão, guerra paz,

superabundância fome; mas ele assume formas variadas, do mesmo modo que o fogo, quando misturado a arômatas, é denominado segundo os perfumes de cada um deles" (D 67). (SOUZA, 1996, p. 31).

Enquanto Heráclito acreditava que a realidade decorria de uma tensão entre forças opostas que se complementariam, outro pensador acreditava que o movimento seria uma espécie de ilusão, um erro dos nossos sentidos e a realidade estaria submetida a dois polos: o ser e o não-ser.

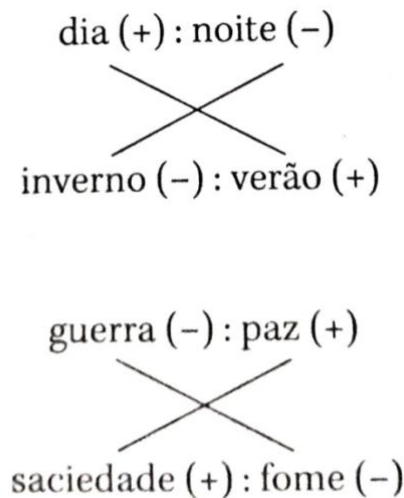


Figura 6 – Representação da doutrina dos pares opostos de Heráclito⁴⁶ (PALAZZO, 2015, p. 88).

4.2 PARMÊNIDES E A ESCOLA ELEÁTICA

Enquanto Heráclito proclamava que a realidade estava em fluxo contínuo e em constante processo de mutação, transformação, devir em Eleia um grupo de filósofos cujo principal representante foi Parmênides concebia uma teoria diametralmente oposta à teoria de Heráclito.

Parmênides nasceu em Eleia, uma colônia grega localizada na região conhecida como Magna Grécia por volta do século VI a.C., era de família nobre e segundo alguns biógrafos organizou sua terra natal conforme as melhores leis da época. Foi discípulo de Xenófanés, e segundo alguns biógrafos afastou-se dos passos de seu mestre (cf. BARNES, 2003, p. 149). Parmênides escreveu uma obra intitulada *Sobre a Natureza*,

⁴⁶ Essa representação refere-se ao seguinte aforismo de Heráclito: “o deus é dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome; passa por mudanças, do mesmo modo que o fogo, quando misturado com especiarias, é designado segundo aroma de cada uma delas” (PALAZZO, 2015, p. 88).

em formas de verso semelhante ao seu mestre Xenófanos. Dessa obra restou apenas fragmentos e a principal característica seria a sua visão imobilista da realidade, concebendo o que é real no campo do ser enquanto aquilo que não pode ser pensado no campo do não-ser. Podemos definir o ser como tudo aquilo que é enquanto o não-ser como tudo aquilo que não é. Um meio termo, o devir de Heráclito, seria uma espécie de ilusão, um mero erro dos nossos sentidos.

Segundo Alexandre, Teofrasto, no primeiro livro de sua *Física*, relata assim o raciocínio de Parmênides: "O que está fora do ser não é ser; o não-ser é nada; o ser, portanto, é um". E Eudemo (conta) da seguinte forma: "O que está fora do ser não é ser; e só de uma maneira se chama o ser; um, portanto, é o ser". Se Eudemo escreveu isso em alguma outra parte com tanta sabedoria, não sei dizer. Mas nos *Físicos*, a respeito de Parmênides, escreveu o seguinte, donde é igualmente possível deduzir o que foi dito: "Parmênides não parece demonstrar que um é o ser, nem se alguém com ele concordaria em chamar o ser de uma forma, a não ser o que foi revelado nele de cada um como o homem dentre os homens". SIMPLÍCIO, *Física*, 215, 11 (DK 28 A 28).⁴⁷

De difícil interpretação, o poema de Parmênides é um dos representantes da passagem da poesia mítica de caráter cosmogônico para uma narrativa de caráter racional, ainda que preserve alguns elementos similares aos encontrados em obras de poetas como, por exemplo, Hesíodo. Na Teogonia, Hesíodo tece no início um hino às musas, enquanto em Parmênides encontramos uma narrativa de uma viagem à morada da Deusa conduzida pelas filhas de Hélio em uma carruagem "puxada" por éguas. Esse veículo desliza pela via que conduz à morada da Deusa que por sua vez situa-se além das portas da Noite e do Dia. A entrada da morada da Deusa é guardada pela Justiça⁴⁸ que detém as chaves e é persuadida pelas musas a abrir a porta.

As éguas que me levam onde o coração pedisse conduziam-me, pois à via multifalante me impeliram da deusa, que por todas as cidades leva o homem que sabe; por esta eu era levado, por este, muito sagazes, me levaram as éguas o carro puxando, e as moças a viagem dirigiam.

O eixo nos meões emitia som de sirena incandescendo (era movido por duplas, turbilhonantes rodas de ambos os lados), quando se apressavam a enviar-me as filhas do Sol, deixando as moradas da Noite, para a luz, das cabeças retirando com as mãos os véus.

E lá que estão as portas aos caminhos de Noite e Dia. e as sustenta à parte uma verga e uma soleira de pedra, e elas etéreas enchem-se de grandes batentes; destes Justiça de muitas penas tem chaves alternantes.

A esta, falando-lhe as jovens com brandas palavras, persuadiram habilmente a que a tranca aferrolhada depressa removesse das portas; e estas, dos batentes, um vão escancarado fizeram abrindo-se, os brônzeos umbrais nos

⁴⁷ Tradução de Remberto F. Kuhnen. Coleção Os Pensadores, 1996, p. 128.

⁴⁸ Em grego *Diké* (Δίκη).

gonzos alternadamente fazendo girar, em cavilhas e chavetas ajustados; por lá, pelas portas logo as moças pela estrada tinham carro e éguas.

E a deusa me acolheu benévola, e na sua a minha mão direita tomou, e assim dizia e me interpelava:

O jovem, companheiro de aurigas imortais,
tu que assim conduzido chegas à nossa morada,
salve! Pois não foi mau destino que te mandou perلustrar
esta via (pois ela está fora da senda dos homens),
mas lei divina e justiça; é preciso que de tudo te instruas,
do âmago inabalável da verdade bem redonda,
e de opiniões de mortais, em que não há fé verdadeira.

No entanto também isto aprenderás, como as aparências
deviam validamente ser, tudo por tudo atravessando. 1. SEXTO EMPÍRICO
VII, 111 e ss. (versos 1-30), e SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 557, 20 (vv. 28-32).⁴⁹

Nos versos acima Parmênides descreve em uma espécie de preâmbulo a sua jornada em busca da verdade. O caminho sugerido pela Deusa é o caminho da verdade⁵⁰, do conhecimento, do ser. É claramente perceptível e inegável a influência do mito na narrativa de Parmênides. Díke e Thémis, personificações da Justiça, cumprem o seu papel de inspirar o narrador a percorrer o caminho que leva a Deusa. Esse caminho, conforme veremos no trecho a seguir é o caminho da verdade, o único que pode se trilhado e que conduz a clareza do ser.

Pois bem, eu te direi, e tu recebe a palavra que ouviste,
os únicos caminhos de inquérito que são a pensar:
o primeiro, que é e portanto que não é não ser,
de Persuasão é o caminho (pois à verdade acompanha);
o outro, que não é e portanto que é preciso não ser,
este então, eu te digo, é atalho de todo incrível;
pois nem conhecerias o que não é (pois não é exequível),
nem o dirias... PROCLO, Comentário ao Timeu, I, 345, 18.
... pois o mesmo é a pensar e portanto ser. CLEMENTE DE ALEXANDRIA,
Tapeçarias, VI, 23.⁵¹

O caminho ao qual a Deusa se refere é o caminho da verdade, o único que pode ser trilhado pelo filósofo e alerta sobre uma via que o filósofo não deve percorrer, o caminho do não-ser. O pensamento (*nous*⁵²) é o critério de validação, o que pode ser pensado, definido e delimitado “é” e “é impossível que não seja”. Essa é a via que leva a razão, ao *logos* parmenídeo. Enunciando a definição de Parmênides em relação ao ser (o ser é e é impossível que não seja), por conseguinte temos a definição de

⁴⁹ Tradução de José Cavalcante de Souza. Coleção Os Pensadores, p. 131-132.

⁵⁰ Em grego ἀλήθεια.

⁵¹ Tradução de José Cavalcante de Souza. Coleção Os Pensadores, p. 132-133.

⁵² Em grego νοῦς.

não-ser. Ora, se o ser “é” o não ser, a contraparte do ser, é definido como “aquilo que não é e é impossível que seja”.

[...] o valor da proposição: é e não é possível que não seja” seja “independente do sujeito expresso. [...] o “é” não se diz de algumas coisas e não de outras, em referência a certas naturezas e não a certas outras, mas, sim, diz-se de forma absoluta de todas as coisas, e todas as coisas vale em sentido absoluto. Ora para deuses [...], ora para demais entes da experiência. (RUGGIU apud PALAZZO, 2015, p. 107).

Ente é o participio presente de ser, portanto, ente é “aquilo que é o ente é algo” somado com o “ser”. Dessa forma, um objeto não é o ser mas apenas a sua natureza que é. O ser é a forma existente por trás da ilusão do devir. O devir de Heráclito seria uma miragem, um mero erro dos nossos sentidos. Com isso, Parmênides apresenta três características do ser:

1. O ser é ingênito, incorruptível e eterno.
2. O ser é indivisível, homogêneo e inteiro.
3. O ser é imóvel.
4. O ser é idêntico e total.

As ideias de Parmênides foram defendidas pelo seu discípulo Zenão, quarenta anos mais jovem e também natural de Eleia. Através de paradoxos, Zenão defendeu as teorias de seu mestre e reduziu ao absurdo certos argumentos⁵³ tentando comprovar por meio da dialética erística a inexistência do movimento em um total de quatro paradoxos que chegaram até nós.

Há quatro argumentos de Zenão a respeito do movimento, que oferecem dificuldades a quem queira resolvê-las. No primeiro, a impossibilidade do movimento é deduzida do fato de que o móvel transportado deve chegar primeiro à metade antes de alcançar o termo; sobre isso discorreremos nos argumentos anteriores (a saber, 2. 233 a 21): Por isso o argumento de Zenão supõe, sem razão, que os infinitos não podem ser percorridos ou tocados sucessivamente num tempo finito. Com efeito, a extensão e o tempo, e em geral do conteúdo, chamam-se infinito em dois sentidos, seja em divisão, seja com relação aos extremos. Sem dúvida, os infinitos em quantidade não podem ser tocados num tempo finito; mas os infinitos em divisão, sim, uma vez que o próprio tempo também é infinito dessa maneira. Por conseguinte, é no tempo infinito e não no tempo finito que se pode percorrer o infinito, e, se tocam infinitos, é por infinitos, não por finitos. — *Tópicos*, VII, 8. 160 b 7:

⁵³ Zenão não produziu nenhuma filosofia sistemática, mas elaborou no total quarenta argumentos contra a pluralidade com a finalidade de comprovar as teorias de seu mestre Parmênides. Desses argumentos apenas dois chegaram até nós. Nesses argumentos Zenão afirma que se mais de uma coisa existe estas provavelmente são grandes e pequenas, e caso exista mais de uma coisa estas são de número ilimitado e limitado. Os famosos paradoxos de Zenão — quatro no total — não se sabe se faziam parte desses quarenta argumentos contra a pluralidade (cf. BARNES, 2003, p. 47).

Pois temos muitos argumentos contrários à opinião comum, como o de Zenão, que não admite mover-se ou atravessar o estádio. — ARISTÓTELES, Física, VI, 9. 239 b 9 (DK 29 A 25).⁵⁴

O que os paradoxos de Zenão, aparentemente jocosos em um primeiro momento, evidenciam a existência do infinito e dão ênfase ao método dialético. Conforme pontuou Hegel (1996, p.157): “A característica de Zenão é a dialética. Ele é o mestre da Escola Eleática; nela seu puro pensamento torna-se o movimento do conceito em si mesmo, a pura alma da ciência — é o iniciador da dialética.”

⁵⁴ Tradução de Remberto F. Kuhnen. Coleção Os Pensadores, 1996, p. 154.

5 PLURALISTAS E ATOMISTAS

As últimas escolas do pensamento Pré-Socrático caracterizam-se pela síntese de algumas ideias de filósofos anteriores acrescidos de alguns elementos originais, como, por exemplo, o atomismo que significou a junção das ideias de Parmênides e Heráclito ou o pluralismo que acreditava em elementos existentes na natureza como os responsáveis pela origem de toda a multiplicidade existente no mundo natural, semelhante aos pensadores jônios, contudo, ao invés de um elemento dois ou mais seriam os responsáveis por acarretar as transformações no mundo natural. Cabe ressaltar que as transformações políticas ao qual passava a sociedade grega — com o advento do modelo democrático em algumas cidades-estados — de certa forma exerceram influência no modelo uma vez que o modelo de isonomia política (princípio de igualdade entre os cidadãos) pode ser aplicado ao modelo de conceber o *cosmos*, como o caso das quatro raízes de Empédocles que regulam e explicam o jogo regulado de “iguais”, racionalizando e explicando a multiplicidade das coisas móveis existentes.

A escola pluralista apresenta como principais representantes os filósofos Anaxágoras e Empédocles e, conforme mencionado no parágrafo anterior acreditavam que mais de um elemento seria o responsável pela diversidade no mundo natural. Anaxágoras propôs a teoria segundo a qual todas as coisas seriam compostas por infinitos em si denominadas de *homeomerias*⁵⁵. Empédocles, por sua vez, elaborou a doutrina dos quatro elementos ou raízes que propunha a existência de todos os elementos (terra, ar, água e fogo) como elementos constituintes da matéria ao serem agregados pelo amor⁵⁶ e por sua vez a extinção da matéria ocorre ao ser desagregada pelo ódio⁵⁷.

O atomismo de Leucipo e Demócrito propunha que a realidade era composta por substâncias invisíveis e indivisíveis denominadas de átomos e o choque desses átomos no vazio acarretavam a origem de uma nova substância enquanto que a extinção da matéria seria a separação desses átomos, todavia, ao extinguir a matéria esses átomos não desapareceriam mas continuariam existindo no mundo natural e unir-se-iam a outros átomos existentes na natureza originando outras substâncias. A

⁵⁵ Em grego ὁμοιομέρεια.

⁵⁶ Nesse caso refere-se a *philia* (em grego φιλία), significando o amor no sentido de amizade.

⁵⁷ Em grego *neikos* (Νεικός).

escola atomista significou uma espécie de síntese de tudo o que foi debatido ao longo do período pré-socrático, procurou eliminar o impasse das teorias de Heráclito e dos eleatas acerca do movimento ao unificar das teorias destes pensadores, afirmando que o átomo é eterno e imutável (assemelhando-se ao ser de Parmênides) e esse átomo encontra-se em movimento (o devir de Heráclito) em espaços vazios (o não-ser de Parmênides).

5.1 ANAXÁGORAS

Anaxágoras nasceu em Clazômenas, na Jônia, por volta de 500 a.C. e viveu grande parte de sua vida em Atenas onde conheceu o grande estadista grego Péricles que se acredita ter sido seu discípulo e o poeta trágico Eurípedes. Por volta de 430 a.C., estabelece-se em Lâmpsaco, uma colônia de Mileto, fugindo de uma falsa acusação de impiedade por negar a característica divina do Sol (para ele uma pedra incandescente) e da Lua (para Anaxágoras uma terra⁵⁸). Faleceu nessa colônia grega por volta de 428 a.C. na condição de honorável estrangeiro. Escreveu uma obra intitulada *Sobre a Natureza* ou *Da Natureza*, aparentemente um estudo do mundo natural à maneira dos filósofos jônicos e procurando reviver no período pós-Parmênides o pensamento de Mileto acrescido de algumas observações de pensadores posteriores.

Os fragmentos da obra de Anaxágoras apresentam-nos a ideia de um cosmos oriundo de uma massa disforme e indiferenciada da matéria. Essa massa foi adquirindo contorno graças a uma mente racionalizada — o *nous* — dando origem ao mundo natural. Toda a matéria carrega em si um pouco de todos os elementos do mundo natural, essa parte contendo o todo recebeu o nome de *homeomerias*, conforme pode ser observado nos fragmentos doxográficos a seguir:

⁵⁸ Em relação a este fato, Platão faz uma menção acerca das teorias de Anaxágoras na obra *Apologia de Sócrates* como pode ser observado no diálogo a seguir:

(Meleto) – Eu digo isso, que não acreditas inteiramente nos deuses.

(Sócrates) – Admirável Meleto, a quem disse eu isso? Não creio, pois, do mesmo modo que os outros homens, que o sol e a lua são deuses?

(Meleto) – Não, por Zeus, ó juízes: ele disse de fato que o sol é uma pedra, e a lua, terra.

(Sócrates) – Tu acreditas acusar Anáxagoras, caro Meleto; e me desprezas tanto e me consideras tão privado de letras a ponto de não saber que os livros de Anáxagoras Clazomênio estão cheios de tais raciocínios? De modo que os jovens aprendem coisas de mim, pelas quais podem talvez, pagando todos no máximo uma dracma, rir-se de Sócrates, quando se lhe atribui arrogância, embora isso pareça estranho. Mas, por Zeus, assim te parece, que eu creio que não exista nenhum deus?

(Meleto) – Nenhum, por Zeus, nenhum mesmo.

Anaxágoras de Clazômenas, filho de Hegesibulo, professando em comum a filosofia de Anaxímenes, foi o primeiro a mudar as teorias dos princípios e supriu a causa que faltava, fazendo infinitas as corpóreas; pois todas as homeomerias, como, por exemplo, água, fogo ou ouro, não gerados e incorruptíveis, parecem engendrar-se e destruir-se apenas pela combinação e dissolução, estando todas as coisas em todas as coisas e caracterizando-se nelas o predominante. Ouro, na verdade, parece aquilo no qual existe muito ouro, embora todas as coisas nele estejam. Diz ele em todo caso que “As outras... mais contém”. (É o fragmento 12. V. p. 269-270.)

E isto, diz Teofrasto, afirma Anaxágoras aproximadamente como Anaximandro; pois aquele (Anaxágoras) diz que na separação do ilimitado as coisas de origem comum eram levadas umas às outras, e porque no todo havia ouro, gerava-se ouro, e porque havia terra, gerava-se terra; e assim também cada uma das outras coisas, que não se engendravam, mas já antes eram subjacentes. E como causa do movimento e da geração Anaxágoras propôs o espírito, pelo qual as (coisas) separadas engendraram os mundos e a natureza das outras coisas. Compreendendo-se assim, diz Teofrasto, pareceria que Anaxágoras faz infinitos os princípios materiais e única a causa do movimento e da geração, a saber, o espírito; mas, se alguém compreendesse que a mistura de todas as coisas é uma só substância indefinida quanto à forma e quanto à grandeza, ele estaria com isso afirmando que dois são os princípios: a substância do infinito e o espírito; e assim se evidencia que ele faz os elementos corpóreos aproximadamente como Anaximandro. SIMPLÍCIO, Física, 27, 2 (DK 59 A 41).⁵⁹

Como os demais pensadores denominados de pluralistas — sobretudo os atomistas — o que Anaxágoras propôs era um princípio que atendesse as exigências de uma concepção imutável da realidade (o ser de Parmênides) quanto a necessidade de uma diversidade múltipla do mundo natural. A Solução encontrada por Anaxágoras foi o conceito de *homeomerias*. As *homeomerias* seriam sementes compostas por diversos elementos existentes no mundo natural. Essas sementes seriam infinitas e eternas, de variadas formas e imutáveis. Conforme observado no texto acima essas sementes encontravam-se juntas e forma separadas pelo *nous*. Todas as substâncias apresentam em sua essência uma combinação de todos os elementos da natureza, ainda que em pequenas quantidades, prevalecendo e dando origem e forma a matéria aquele elemento que prevalecer nas sementes. Exemplo: um grão de feijão apresenta em sua composição elementos de diversas substâncias do mundo natural (ferro, cobre, trigo, arroz etc.), entretanto, o que dá a sua forma, o seu sabor, a sua cor entre outras características indelévels desse elemento é a existência em maior quantidade do feijão nas *homeomerias* que compõem esse elemento.

Anaxágoras, de Clazômenas, anterior a Empédocles na idade, mas posterior na produção de obras, afirma que os princípios são infinitos. Quase todas as coisas, formadas de partes semelhantes (como a água e o fogo), diz ele que são geradas e destruídas unicamente por combinação e dissolução, e de outra

⁵⁹ Tradução de Paulo F. Flor. Coleção Os Pensadores, 1996, p. 235-236.

maneira não são geradas nem destruídas, mas permanecem eternas. — Idem, *Do Céu*, III, 3, 302 a 28: Entretanto, Anaxágoras diz o contrário de Empédocles a respeito dos princípios, pois este afirma que o fogo e os com este alinhados são princípios dos corpos e tudo é composto deles. Mas Anaxágoras sustenta o contrário, pois princípios são os homeômeros como, por exemplo, carne, osso e cada coisa desse gênero; e ar e fogo são misturas deles e de todas as outras sementes; pois cada um dos dois é composto de invisíveis homeômeros, e de todos. Por isso todas as coisas se originam destes; pois o fogo e o éter ele diz que é o mesmo. ARISTÓTELES, *Metafísica*, 1, 3. 984 a 11 (DK 59 A 43).⁶⁰

Além de dedicar-se a analisar a origem da diversidade do mundo natural, Anaxágoras também analisou de maneira original temas relacionados à origem do conhecimento humano ao afirmar que o conhecimento origina-se da sensação, chega à memória e a capacidade que temos de gerir e administrar tais informações é gerenciada pela técnica (TEOFRASTO, 1996, p. 240-241).

5.2 EMPÉDOCLES

A vida de Empédocles é permeada por diversos relatos mistérios e cercado por lendas. Acredita-se que nasceu em Agrigento, na Magna Grécia, em 490 a.C. e, conforme Diógenes Laércio viveu até os sessenta anos. Teve uma participação ativa na vida política de Agrigento tendo uma forte inclinação a ideias democráticas e possivelmente exerceu a profissão de médico.

No campo filosófico, escreveu duas obras: *Sobre a Natureza e Purificações*. A primeira obra, um poema a maneira de Parmênides e provavelmente o último filósofo Pré-Socrático a escrever em versos, apresenta uma concepção cosmogônica aprofundada de temas analisados pelos filósofos da Escola de Mileto. A verdade, diferente de Parmênides que negava a multiplicidade e o devir, é identificada como a racionalidade aplicada aos dados fornecidos aos nossos sentidos. Já a obra *Purificações*, apresenta um poema de característica mítico-religiosa apresentando um pouco das concepções órfico-pitagóricas.

A premissa do pensamento de Empédocles é a unificação das teorias Jônicas dos elementos responsáveis pela multiplicidade existente no mundo natural, porém, diferente dos pensadores jônicos, ele atribuía essa composição da matéria não apenas a um elemento, mas a quatro elementos (terra, ar, água e fogo), o devir de

⁶⁰ Ibid., p. 236.

Heráclito e o imobilismo dos eleatas. A combinação entre amor e ódio acarretaria, respectivamente, na união e na separação da matéria.

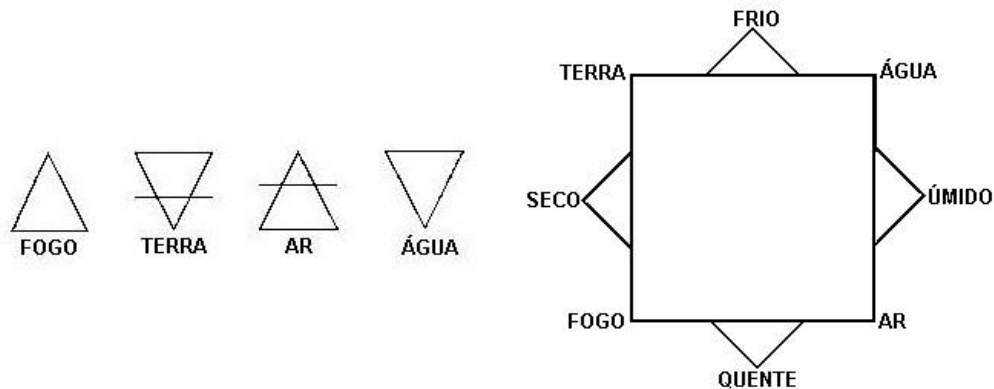


Figura 7 – A teoria dos quatro elementos imutáveis de Empédocles. Disponível em: <https://3.bp.blogspot.com/GReN072Nn2E/VqphSIEp01I/AAAAAAAAAB4/xfSUXv5kE24/s1600/Emp%25C3%25A9docles.jpg>. Acesso em: 6 set. 2020.

A combinação entre amor (*philia*) e ódio (*neikos*) como princípios de geração e corrupção da matéria obedecem a ciclos no qual um elemento prevalece em relação ao outro. Sob influência do amor os elementos se combinam em uma esfera homogênea e harmônica. O ódio obriga os elementos a se separarem, contudo, à medida que o amor se expande os elementos agregam-se e originam novos seres.

Empédocles conta como elementos 94 os quatro (corpos simples), ajuntando um quarto, a terra, àqueles de que acabamos de falar (a saber, água, ar e fogo). Estes elementos subsistem sempre e não são gerados, salvo no que tange ao aumento ou diminuição, unindo-se para (formar) uma unidade ou dividindo-se a partir desta unidade 95 — Simplicio, Física, 25. 21: Este (Empédocles) estabelece quatro elementos corporais, fogo, ar, água e terra, que são eternos e que mudam aumentando e diminuindo mediante mistura e separação; mas os princípios propriamente ditos, pelos quais aqueles são movidos, são o Amor e o Ódio. Pois é preciso que os elementos permaneçam alternadamente em movimento, sendo ora misturados pelo Amor, ora separados pelo Ódio. Por conseguinte, seis são, conforme Empédocles, os princípios. Com efeito, em algum lugar, dá força criadora ao Ódio e ao Amor, ao dizer: "Ora por Amizade... de Neikos". (É o fragmento 17, vv. 7 e 8 V. p. 2.29), e outra vez combina os quatro como sendo da mesma ordem, ao dizer: "Ora de novo... e largura". (E

o fragmento 17, vv. 17-20. V. p. 229.). ARISTÓTELES, *Metafísica*, 1, 3. 984 a 8 (DK 31 A 28).⁶¹

Os seres existentes podem ser compreendidos como temporários que surgem e desaparecem conforme a atuação do amor e do ódio. Os elementos, porém, seriam eternos e o ciclo de geração e corrupção da matéria permaneceria infinitamente. Grande parte de seu sistema filosófico encontra-se em seu poema *Sobre a Natureza*. Já o poema *Purificações*, provavelmente sob influência pitagórica, aborda de maneira místico-religiosa a combinação entre a doutrina pitagórica da transmigração das almas com a sua teoria dos quatro elementos constituintes da matéria. O ódio aprisionaria a alma daqueles que cometem algum tipo de transgressão em algum animal, restando a alma a possibilidade de sua libertação através de ciclos reencarnatórios. De seu poema, Diógenes Laércio⁶² preservou o seu início:

Amigos, que a grande cidade na borda do louro Acragas habitais, na parte alta, em boas obras ocupados, abrigos veneráveis, a estrangeiros ignorantes, de maldade alegrai-vos; eu para vós um deus imortal, não mais mortal caminho entre todos cumulado de honras, como é minha imagem, de fitas coroado e de guirlandas floridas. Quando com estas venho às cidades florescentes, por homens e mulheres sou venerado; e eles me seguem, milhares a se informar por onde é o caminho ao lucro, alguns carecendo de oráculos, e outros com doenças de toda espécie consultam para ouvir palavra de cura, longamente traspassados de pesadas dores. (DK B 112).

Assim como Heráclito, Empédocles teve uma morte bem curiosa. Acreditando possuir dons sobrenaturais, Empédocles saltou de maneira imprudente no Etna.

5.3 LEUCIPO E DEMÓCRITO

O atomismo representou a última grande escola do período Pré-Socrático. Sintetizando as doutrinas jônicas, eleatas e o mobilismo de Heráclito, concebeu a primeira teoria em relação ao átomo da história das ciências embora a teoria de Leucipo e Demócrito seja bem diferente da teoria atômica moderna. Conciliando as ideias conflitantes das escolas filosóficas contemporâneas, o primeiro filósofo da

⁶¹ Tradução de Remberto F. Kuhnen. Coleção Os Pensadores, 1996, p. 179.

⁶² Diógenes Laércio, VIII, 62. Coleção Os Pensadores, p. 206-207.

escola atomista, Leucipo concluiu que a matéria é formada por partículas chamadas de átomos.

Em relação à vida e obra de Leucipo pouco sabemos a seu respeito. Não se sabe ao certo quando Leucipo nasceu e nem com exatidão o local de seu nascimento, alguns pesquisadores inclusive colocam em dúvida a sua existência, o que se especula em relação a biografia de Leucipo inicia-se com Aristóteles passando por célebres estudiosos da filosofia grega. Alguns estudiosos afirmam que ele nasceu em Mileto, embora algumas fontes afirmem que Leucipo era natural de Eleia ou ainda de Abdera, região próxima da Trácia e local onde nasceu e viveu seu discípulo mais famoso, Demócrito que por sua vez aprofundou as teorias de seu mestre. O que podemos atestar com segurança em relação a Leucipo é que foi discípulo de Zenão de Eleia e que seu período mais prolífico ocorreu entre os anos de 450 e 420 a.C., período que por sua vez cronologicamente colocam Leucipo e seu discípulo Demócrito como contemporâneos de Sócrates, contudo, filosoficamente inserem-se como os últimos pensadores do período Pré-Socrático uma vez que sua linha de raciocínio abarca a compreensão da *physis* e busca pelo elemento originário de toda a multiplicidade existente no cosmos (*arché*). Atribui-se a Leucipo a autoria de duas obras: *A Grande Ordem do Mundo* e *Sobre o Espírito*. De suas obras chegou até nós às seguintes referências:

1. AQUILES, Introdução, 1, 13 (DK 67 B1).
A. GRANDE ORDEM DO MUNDO (título de um livro atribuído a Demócrito em Aquiles, Introdução, 2, 13).
Ia. Papiro Hercul. 1788 (DK 67 B Ia).
Átomos (i.e., não-cortáveis), maciços (i.e., unidades), grande vazão, seção, ritmo (i.e., forma), contato, direção, entrelaçamento, turbilhão (termos encontrados num papiro restaurado, em que Demócrito é acusado de plagiar A Grande Ordem do Mundo de Leucipo).
2. AÉCIO, I, 24, 4 (DK 67 B 2).
Diz (Leucipo) no livro Sobre o Espírito: Nenhuma coisa se engendra ao acaso, mas todas (a partir) de razão e por necessidade.⁶³

Separar as ideias de Leucipo das ideias de Demócrito é algo praticamente impossível uma vez que pouca coisa de Leucipo chegou até nós. Sabe-se que empreendeu inúmeras viagens e, diferente da melancolia profunda de Heráclito, era uma figura bem irreverente e com uma vasta produção filosófica dentre as quais se destacam *Pequena ordem do mundo*, *Do entendimento*, *Da forma*, *Do bom ânimo* e

⁶³ Tradução de José Cavalcante de Souza, Coleção Os Pensadores, 1996, p. 270.

Preceitos, essas duas últimas de caráter moral. Assim como os demais pensadores do período restaram apenas fragmentos de sua obra. Suas teorias exerceram grande influência em pensadores gregos como Aristóteles, Epicuro, Lucrecio e chamou a atenção de Karl Marx, a quem dedicou a sua tese de doutorado.⁶⁴

Partindo do pressuposto de não-ser de Parmênides, a teoria atomista identifica o conceito de não-ser com o vazio, um elemento essencial para o desenvolvimento da matéria. No vazio partículas invisíveis (devido a sua pequenez) e indivisíveis, consideradas a menor porção da matéria — o átomo — encontram-se em pleno movimento e impossíveis que sejam observadas. Além dessas características, Demócrito descreve os átomos como plenos (ou seja, sem vazio interno), existem em número infinito, móveis e distintos apenas pela sua forma geográfica.

Ouças notas marginais da obra de Aristóteles *De Demócrito* mostrarão a opinião destes homens. Demócrito julga que a natureza das coisas eternas são pequenas substâncias infinitas em grande quantidade. Para estas admite um outro lugar infinito em grandeza. E chama o lugar com estes nomes de *vazio*, de *nada*, de *infinito* e cada uma das substâncias com os nomes de *algo*, de *sólido* e de *ser*. E julga que as substâncias são tão pequenas que fogem às nossas percepções. E lhes são inerentes formas de toda espécie, figuras de toda espécie, e diferenças em grandeza. Destas, pois, como de elementos, engendra e combina todos os volumes visíveis e perceptíveis. E estas se agitam e são arrebatadas no vazio por causa da semelhança e das outras diferenças mencionadas; e, arrebatadas, tombam-se e se enlaçam num entrelaçamento tal que faz com que elas se toquem e estejam próximas umas das outras, e todavia uma só natureza a partir delas verdadeiramente, e ele não engendra qualquer uma, pois é deveras ingênuo que o duplo ou o múltiplo se tornem um. E a causa de se coordenarem as substâncias umas com as outras até certo ponto, ele atribui aos ajustes e correspondências dos corpos. Pois alguns deles são oblíquos, outros em forma de anzol, ocos, curvos, e mais outros de inúmeras diferenças. Julga, portanto, que se mantêm a si mesmas e se coordenam até que alguma mais forte por uma necessidade surgindo do ambiente as agite e disperse. E afirma que a geração e a separação que lhe é contrária se processa não apenas com animais mas também com plantas, com mundos e, em suma, com todos os corpos sensíveis. Se, efetivamente, a geração é uma combinação dos átomos, a concepção é uma separação, e, conforme Demócrito, a geração seria uma alteração. (SIMPLÍCIO, *Do Céu*, p. 294, 33 Heib. (DK 68 A 37)).⁶⁵

Dessa forma, o modelo organizacional do cosmos apresenta-se constituído e construído por átomos apresentando dois princípios básicos: o contínuo, incorpóreo e infinito (o vazio) e o descontínuo e corpóreo (o átomo). Esses átomos — invisíveis aos nossos olhos — possuem formas e arranjos que se distinguem entre si. O movimento primário do átomo seria em todas as direções sem ter uma preferencial, dispersos no

⁶⁴ A obra chama-se *A diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*.

⁶⁵ Tradução de Paulo F. Flor, Coleção Os Pensadores, 1996, p. 290-291.

vazio. No vazio, expostos ao choque com demais átomos, ocorreria desta forma uma espécie de “encaixe” entre átomos de formas parecidas o que acarretaria o aparecimento de vórtices levando os corpos maiores para o centro gerando um elemento, esse mecanicismo resultaria na origem de toda a realidade. Cabe ressaltar que segundo Demócrito até a alma seria composta de átomos.

Contemporâneo de Sócrates e dos Sofistas — grupo de pensadores que teorizava o relativismo moral e epistemológico — Demócrito, assim como seus contemporâneos, também se dedicou a questões epistemológicas, concluindo existir duas formas de conhecimento: uma forma considerada genuína (oriunda da reflexão) e outra considerada obscura (um saber que se origina do nosso conhecimento sensível, isto é, da experiência sensorial através dos nossos sentidos).

[Demócrito] nos seus cânones diz que há duas formas de conhecimento, uma por meio dos sentidos, e outra por meio da inteligência, e confirma esta como *genuína*, adscrevendo-lhe confiabilidade no juízo sobre a verdade, enquanto denomina *obscura* à que é por meio dos sentidos, negando-lhe a exatidão relativamente ao reconhecimento da verdade. (SEXTO EMPÍRICO apud MILANI, 2016, p. 79).

Demócrito afirma que todo conhecimento tem a sua origem no conhecimento sensível e por eles agrega as qualidades secundárias de um agregado atômico (cor, sabor, cheiro etc.), entretanto, por não ser um saber de natureza essencialmente reflexiva pode conduzir o homem ao erro da opinião não fundamentada (a *doxa*) uma vez que pela subjetividade, isto é, por convenção o homem ordena os elementos conforme as suas necessidades e anseios. “Uns dizem que as coisas sensíveis são por natureza, mas para Leucipo, Demócrito e Diógenes são por convenção, enquanto para os nossos isso seja segundo a opinião e a afeição” (DK 67, A 32 apud MILANO, 2016, p. 80).

A sensação do objeto ocorre entre o sujeito que o apreende pela experiência sensorial e como esse objeto o afeta produzindo desta forma uma alteração no objeto apreendido por meio de um intermediário, esse intermediário Demócrito seria o *eidolon*⁶⁶, ou seja, a imagem do objeto refletida que por meio de um fluxo contínuo de átomos flui pelo ar e entra em contato com o sujeito pelos sentidos. Em alguns casos Demócrito refere-se a eflúvios que se desprendem da realidade para a essência das coisas.

⁶⁶ Em grego εἶδωλον.

Demócrito diz que ver é perceber reflexos provenientes dos objetos vistos [...]; portanto, a imagem é a forma que aparece na pupila [...] e ele [Demócrito] e antes dele Leucipo e, depois, os seguidores de Epicuro defendem que certas imagens que fluem dos corpos que têm forma similar aos corpos de que fluem penetram nos olhos de quem vê, e assim se produz a visão. (DK 67, A 29 apud Milani, 2016, p. 83).

A teoria atômica de Demócrito pode ser sintetizada da seguinte forma: existem seres reais (átomo e vazio) e fenômenos aparentes (que correspondem às qualidades secundárias), o que nos leva a perceber que também existem conhecimentos reais e aparentes. O fragmento a seguir, que de certa forma condena a primazia dada ao conhecimento sensível, sintetiza as teorias de Demócrito: “Mas nós, na verdade, não conhecemos nada que seja invariável, conhecemos sim o que muda de acordo com a disposição do corpo, e as coisas que penetram nele e as coisas que lhe opõem” (DK 68, B 9 apud MILANI, 2016, p. 84).

A teoria do conhecimento de Demócrito postula que conforme observado anteriormente existem apenas átomos e vazios, e sob uma perspectiva eleata, a concepção de que o conhecimento verdadeiro deriva apenas do verdadeiro ser. Desta forma, a razão deve prenuunciar em um nível mais profundo de nossas percepções sensoriais, ultrapassando o campo das aparências e penetrando na esfera essencial da realidade não se detendo nos atributos secundários da substância.

6 A ESCOLA PITAGÓRICA

Nascido na Ilha de Samos, não muito distante da costa Jônica, Pitágoras é considerado uma figura lendária na filosofia grega e é extremamente difícil atribuir o que realmente foi produzido por Pitágoras e o que seria autoria de seus discípulos uma vez que fundou uma escola filosófica extremamente fechada, inspirada nas religiões de mistério — algo comum na Grécia Antiga — com elementos de crenças órficas⁶⁷ — como a *metempsicose* ou transmigração das almas, práticas ascéticas como, por exemplo, o vegetarianismo, uso de símbolos para facilitar a identificação entre os iniciados — uma estrela de cinco pontas — e de pouca assimilação por quem não fazia parte de seu círculo iniciático além de hábitos peculiares como abster-se de comer e fabricar pão, não era permitido o uso de roupas brancas, não poderiam os adeptos do pitagorismo tocar em um galo branco, era-lhes vedado caminhar em calçadas, jamais deveriam observar seu rosto em um espelho e em nenhuma hipótese deveriam consumir feijão, esta última regra acredita-se que provavelmente o feijão era visto como um elemento sagrado por apresentar uma forma similar ao *cosmos*. Além desses fatores soma-se outro elemento que acentua certa peculiaridade de Pitágoras, este alegava ser descendente do deus Apolo, deus da música e das belas artes, embora alguns relatos apontem que era filho de um rico mercador.

Sabe-se que empreendeu inúmeras expedições ao Egito e as demais colônias gregas e por volta de 530 a.C. exilou-se em Crotona — região da Magna Grécia — devido às suas convicções políticas. Foi exatamente nessa região que Pitágoras desenvolveu suas teorias e fundou a sua sociedade secreta. Cabe ressaltar que Pitágoras foi o primeiro pensador a utilizar o termo filósofo:

[...] tendo Pitágoras chegado à cidade de Fliunte, na Argólida, região do Peloponeso, teve oportunidade de conversar sobre diversas questões com o governante local, Leonte, ou Leão, segundo as traduções, que estupefato perante o saber do seu interlocutor, perguntou-lhe indiretamente qual era o seu ofício. O viajante teria respondido que não era especialista em nada em particular, mas era “filósofo”. Aparentemente, o termo filósofo era desconhecido para o interlocutor de Pitágoras, por isso este o ilustrou como uma alegoria. (PIN, 2015, p. 7).

⁶⁷ O orfismo era uma religião de mistério que atribuía a Orfeu a autoria de poemas de caráter místico no qual continha elementos de caráter esotéricos ensinados apenas a um círculo de iniciados. Esses poemas retratavam a jornada da alma em busca de purificação e o auxílio do deus Dionísio nesse processo. Pitágoras retira Dionísio nesse processo de libertação da alma e em seu lugar coloca a matemática (cf. PESSANHA, 1996, p. 21).

Assim como os seus feitos, a morte de Pitágoras é envolta em mistérios, alguns relatos afirmam que por volta de 497 a.C., uma multidão incendiou a sua residência e Pitágoras morreu nesse incêndio. Todavia, outros relatos afirmam que Pitágoras conseguiu escapar e foi perseguido por uma turba enfurecida, porém em sua fuga deparou-se com uma plantação de feijão, como os pitagóricos deveriam abster-se desse alimento ele ficou paralisado diante da raiz sagrada sendo rapidamente alcançado e morto pela multidão. Apesar de ser uma figura quase lendária e misteriosa envolta por um amalgama de misticismo e racionalidade, Pitágoras é indubitavelmente uma figura essencial para o pensamento ocidental e a contribuição de Pitágoras e da Escola Pitagórica ultrapassam os meandros da filosofia e abarca as áreas da astronomia, matemática e da música.



Figura 8 – Mapa das colônias gregas destacando a Ilha de Samos e Crotona na Magna Grécia, locais onde respectivamente nasceu e viveu Pitágoras. Disponível em: <https://image.slidesharecdn.com/lospitagricos-151029121600-lva1-app6892/95/los-pitagricosalicia-piedras-andzelika-pastwa-2a-3-638.jpg?cb=1446121015>. Acesso em: 2 nov. 2020.

6.1 A PRIMAZIA, A BELEZA E A HARMONIA DOS NÚMEROS E DA MÚSICA

Como todos os pensadores do período Pitágoras ocupou-se da busca pela substância primordial responsável pela diversidade da *physis* e, diferente de

pensadores anteriores, concluiu que a matemática seria o elemento primordial de todas as coisas. A conclusão de Pitágoras em relação à primazia dos números é um fato decorrente da sua observação em relação à música algo que possivelmente acarretou a matematização das notas e das escalas musicais e não podemos nos olvidar que alguns biógrafos alegavam que Pitágoras afirmava ser descendente de Apolo — deus que tinha como instrumento uma harpa. A concepção harmônica da matemática no mundo natural deve ser compreendida através de uma analogia que Pitágoras fez entre a beleza da música e outros sons existentes em nosso mundo. Apenas um observador perspicaz pode separar a beleza da música de outros ruídos existentes no mundo, e o que separa os ruídos da beleza é a sua estrutura numérica, é através da beleza e da harmonia da matemática que os sons adquirem a sua estrutura e adquirem os seus contornos. Presentes no *cosmos*, os números não eram meros símbolos, mas entidades reais e a sua combinação resultavam na existência de novos elementos.

Os assim chamados pitagóricos são contemporâneos e até mesmo anteriores a esses filósofos [os atomistas]. Eles primeiramente se aplicaram às matemáticas, fazendo-as progredir e, nutridos por elas, acreditaram que os princípios delas eram os princípios de todos os seres. E dado que nas matemáticas os números são, por sua natureza, os primeiros princípios, e dado que justamente nos números, mais do que no fogo e na terra e na água, eles achavam que viam muitas semelhanças com as coisas que são e que se geram — por exemplo, consideravam que determinada propriedade dos números era a justiça, outra a alma e o intelecto, outra ainda o momento e o ponto oportuno, e, em poucas palavras, de modo semelhante para todas as outras coisas; e, além disso, por verem que as notas e os acordes musicais consistiam em números; e, finalmente, porque todas as coisas em toda a realidade lhes pareciam feitas à imagem dos números e porque os números tinham a primazia na totalidade da realidade, pensaram que os elementos dos números eram elementos de todas as coisas, e que a totalidade do céu era harmonia e número. (ARSTÓTELES, *Metafísica*, 985b23-983a3 apud PIN, 2015, p. 81).

Essa concepção pitagórica que concebe a primazia dos números apresenta não apenas uma concepção racional como também mística uma vez que a escola pitagórica estava imbuída de elementos órficos entre outras concepções desse caráter. O objetivo principal dos pitagóricos seria alcançar um estado de paz e plenitude pela contemplação gerada matemática acarretando um elevado estado de espiritualidade.

A grande novidade introduzida, certamente pelo próprio Pitágoras, na religiosidade órfica foi a transformação do processo de libertação da alma num esforço inteiramente subjetivo e puramente humano. A purificação resultaria do trabalho intelectual, que descobre a estrutura numérica das coisas e torna,

assim, a alma semelhante ao cosmo, em harmonia, proporção, beleza. Pitágoras teria chegado à concepção de que todas as coisas são números através, inclusive, de uma observação no campo musical: verifica, no monocórdio, que o som produzido varia de acordo com a extensão da corda sonora. Ou seja, descobre que há uma dependência do som em relação à extensão, da música (tão importante como propiciadora de vivências religiosas estáticas) em relação à matemática. (PESSANHA, 1996, p. 21).

Dessa forma, Pitágoras retira de Dionísio o caráter de auxiliar o homem na sua busca pela purificação e em seu lugar atribui à matemática esse caráter purificador que liberta o espírito em seus ciclos reencarnatórios. A extensão conforme observou Pitágoras seria um elemento descontínuo constituído por unidades invisíveis e separadas por um intervalo, os números não seriam meros símbolos mas a própria alma das coisas.

6.2 A COSMOLOGIA PITAGÓRICA

A concepção dos pitagóricos em relação ao *cosmos* concebia uma espécie de “fogo central” como o centro do cosmos e a Terra não seria um mero ponto fixo mas realiza um movimento em torno do “fogo central”. Filolau de Crotona — discípulo de Pitágoras — foi o primeiro a dar contornos a essa teoria. Segundo Filolau, a Terra e os demais corpôs celestes movimentam-se em torno de um “fogo central”, uma espécie de “forno do universo”. Toda a forma, energia e vigor do universo origina-se desse “fogo central”, até mesmo o sol tem a sua origem no “fogo central” e o sol teria a função de distribuir esse calor a outros corpos celestes. Esse fogo seria invisível uma vez que se localiza do lado oposto da Terra. A Lua e um outro corpo celeste denominado de *antichtlon* ou *Antiterra* também se localizam ao lado oposto. Por isso que a Lua nos mostra o mesmo lado e o *antichtlon* seria impossível de ser visualizado.

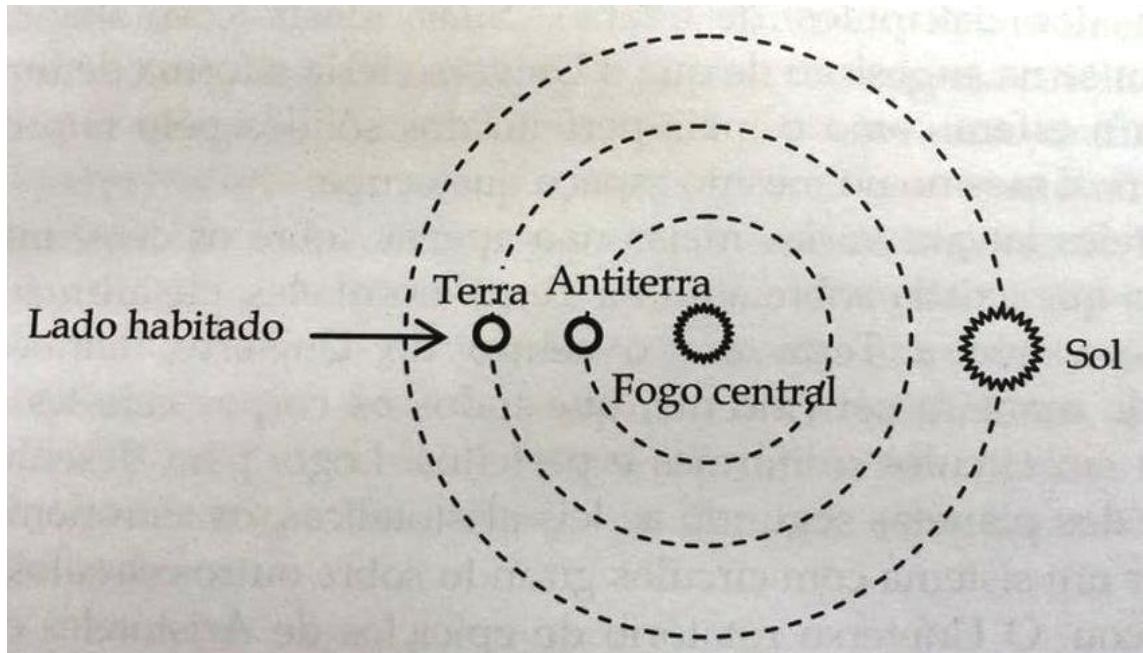


Figura 9 – O sistema cosmológico de Filolau. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=i&url=http%3A%2F%2Fblogdeestudogu.blogspot.com%2Fp%2Fmaterial-de-apoio.html&psig=AOvVaw3xO0imRVHk0464N7h4JWnD&ust=1606853854472000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCJD2iaWLq-0CFQAAAAAdAAAAABAD>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Ao redor do “fogo central” a Terra, o Sol, os cinco planetas conhecidos e o *antichtlon* realizam movimentos, dando dessa forma origem a um dos primeiros sistemas heliocêntricos do mundo antigo. Outra observação em relação à cosmologia pitagórica seria a concepção da Terra como um corpo celeste curvo e não plano ao observar as fases da lua.

CONCLUSÃO

Ao analisarmos a epopeia do desenvolvimento das teorias cosmológicas e epistemológicas dos primeiros pensadores o que nos chama a atenção é a necessidade em se afastar de crenças mitológicas-sobrenaturais — ainda que estas exerçam algum tipo de influência em algum pensador — e estabelecer um criterioso método de pesquisa baseado na análise e observação do mundo natural. Delimita-se o ponto de partida da História da Filosofia no momento em que o homem procura compreender os fenômenos do mundo natural de maneira racional, excluindo as explicações divinas, sobrenaturais e de natureza mística acerca do mundo natural. Neste contexto, observa-se a originalidade e genialidade dos primeiros filósofos, os chamados filósofos Pré-Socráticos, em sua compreensão do mundo natural, isto é, da *physis*, ao perceberem que a natureza apresenta uma lógica subjacente e que um princípio racional opera e rege o mundo físico, não submetendo este a uma ordenação de natureza divina ou a qualquer explicação de caráter sobrenatural. A busca pela *arkhé* — a causa inicial ou o princípio originário de toda a multiplicidade existente no *kosmos* — e a necessidade de um discurso racional fundamentado — o *logos* — acarretou diversas teorias acerca de qual elemento seria o elemento originário de toda a nossa realidade culminando no nascimento da filosofia e da ciência em aproximadamente 585 a.C. Nesse contexto, observa-se o desencadeamento dos primeiros modelos epistemológicos e cosmológicos com o intuito de explicar a ordenação do mundo natural, como, por exemplo os jônicos que elaboram teorias acerca da substância responsável pela origem de toda a realidade, o que propiciou o desenvolvimento do modelo cosmológico de Anaximandro, concebendo o cosmos como eterno e infinito apresentando a Terra — que seria cilíndrica — como o centro do cosmos e a concepção de Anaxímenes que propunha um modelo de cosmos no qual as estrelas seriam pontos fixos e transparentes, presos a uma esfera cristalina que gira em torno da terra, ou ainda o modelo cosmológico dos pitagóricos que baseava-se no heliocentrismo e os modelos atômicos de Demócrito e Leucipo.

A escola de Mileto caracteriza-se pelo materialismo monista, isto é, pela explicação da origem de toda a diversidade, de toda a multiplicidade existente no mundo natural ser proveniente de uma substância material. Conforme foi demonstrado, esse grupo de pensadores apresentou os alicerces racionais do pensamento científico-filosófico nascente. Tales acreditava que a causa primeira, a *arché*, seria a água.

Anaximandro o ilimitado, o *apeíron*, enquanto Anaxímenes seria a água. Outra característica marcante seria a preocupação com o discurso racional (*logos*) em oposição ao sistema de crença ao qual o mito se baseava. E finalmente o modelo de cosmos, sobretudo o modelo mecanicista de Anaximandro. Apesar de apontarem as constantes transformações ao qual perpassa o mundo físico, os pensadores da chamada Escola de Mileto não se ocuparam de descrever o que seria o movimento restando a outro grupo de filósofos ocuparem-se de explicar de maneira detalhada o que seria o movimento como Heráclito de Éfeso e Parmênides de Eleia.

Heráclito inaugura no pensamento ocidental a chamada “filosofia do movimento” que coloca o devir como a origem de toda a realidade. Assim como os pensadores de Mileto, Heráclito escolheu um elemento que representasse a origem de todas as coisas e simbolizasse o seu *logos* e o elemento escolhido foi o fogo além de uma preocupação em elaborar um sistema cosmológico.

Parmênides pode ser considerado uma espécie de “anti-Heráclito” uma vez que a sua linha de raciocínio excluía o movimento ao deslocar para o campo do ser toda a origem da realidade. A definição do ser parmenídeo coloca que tudo aquilo que é pensado é igual a si próprio (o ser), exclui a possibilidade de ser e não-ser ao mesmo tempo e é impossível que exista uma terceira opção. O movimento pressupõe um meio termo entre o ser e o não-ser. As ideias de ambos os filósofos permanecem de uma certa forma atuais e influenciaram desde Platão e Aristóteles até Nietzsche, Heidegger e Popper. Ainda no período Pré-Socrático, um grupo de filósofos denominados de atomistas procurou um meio termo entre o pensamento de Heráclito e de Parmênides assim bem alguns pensadores chamados de pluralistas que constituem o último eixo do chamado período pré-socrático.

A última fase da filosofia grega significou uma síntese de conceitos tratados por pensadores anteriores bem como uma tentativa de resolver o impasse entre o mobilismo de Heráclito e o imobilismo de Parmênides. As mais diversas correntes filosóficas dessa última etapa da filosofia pré-socrática colocam que a totalidade da *physis* apresenta realidades independentes que se interrelacionam. Isso significa que não há um elemento essencial ao qual toda a realidade deriva, mas um agrupamento de elementos que combinados dariam origem a toda a multiplicidade existente no mundo natural. Para Empédocles a *physis* era composta por quatro elementos que combinados resultavam na totalidade do cosmos. Movimento e mudança ocorrem conforme forças de atração (*philia*) e repulsão (*neikos*).

Uma dupla história vou te contar: uma vez que, elas [i.e. as raízes] cresceram para serem uma só a partir de muitas, de outra vez, separaram-se, de uma que RAM, para serem muitas. Dupla é a formação das coisas mortais e dupla a sua destruição; pois uma é gerada e destruída pela junção de todas as coisas, a outra é criada e desaparece, quando uma vez mais as coisas se separam. E estas coisas nunca param de mudar continuamente, ora convergindo num todo graças ao Amor, ora separando-se de novo por ação do ódio da Discórdia. Assim, tal como elas aprenderam a tornar-se numa só a partir de muitas, e de novo, quando uma se separa, geram muitas, assim elas nascem e a sua vida não é estável; mas, na medida em que jamais cessam o seu contínuo intercâmbio, assim existem sempre imutáveis no ciclo. (EMPÉDOCLES, Fragmento 348 apud KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 301).

Anaxágoras propôs uma teoria que combinava os quatro elementos do mundo natural em espécies de sementes — *homeomerias* — que seriam infinitas e quando combinadas acarretariam novas substâncias. Dessa mistura primordial provém o cosmos através da ação do *nous*. A teoria de Anaxágoras pode ser resumida em cinco postulados (GRAHAM, 2008, p. 224):

- (1) Segundo o Postulado de Negação do Vir-a-Ser e do Perecer, nenhuma substância jamais vem ou perece.
- (2) O Postulado da Mistura Universal sustenta que tudo está em tudo.
- (3) Segundo o Postulado da Divisibilidade Infinita, a matéria pode ser dividida *ad infinitum*.
- (4) O Postulado da Predominância assevera que a substância em maior quantidade na mistura tem as qualidades predominantes no composto resultante.
- (5) Segundo o Postulado da Homeomeria, cada substância é composta de porções, cada uma das quais tem exatamente o mesmo caráter, isto é, toda substância é inteiramente homogênea.

Apesar de nos parecerem obscuras, as teorias de Anaxágoras e Empédocles apresentam alguns pontos em comum. Ambos postulam que a natureza do cosmos deriva de substâncias elementares. Outro detalhe da teoria de ambos é um agente externo que acarretaria a união dessas substâncias (a *philia* em Empédocles e o *Nous* em Anaxágoras).

Concluindo a última etapa das Escolas Pluralistas, o atomismo de Leucipo e Demócrito significou uma síntese de todas as etapas da primeira fase da filosofia grega. A crença no elemento primordial (a *arché*) dos jônios, o devir de Heráclito e o imobilismo dos Eleatas (representado no movimento dos átomos no vazio) e a teoria de diversas substâncias que acarretariam a origem dos cosmos (Empédocles e Anaxágoras).

O modelo mecanicista do atomismo significou a primeira forma completa de filosofia materialista e qualquer pensador que tenha um ponto de vista sob essa perspectiva não deve olvidar do pensamento desenvolvido por Leucipo e Demócrito. A sua influência pode ser sentida ainda na Antiguidade primeiro com o seu discípulo mais famoso e considerado o patrono da medicina: Hipócrates e retomada na última etapa da filosofia grega por Epicuro.

Em meio a elucubrações de caráter místico-filosófico a Escola Pitagórica apresenta-se como uma das mais belas e originais do Período Pré-Socrático. A matemática ocupa a primazia de construir a realidade através de elementos que não seriam meros símbolos, mas representam a concretude do real. Outro ponto importante foi à concepção de *cosmos* elaborada por Filolau apresentando elementos de caráter heliocêntrico e concebendo os corpos celestes não como meros pontos fixos, mas orbitando em torno de uma espécie de “fogo central” responsável pelo calor do *cosmos*. Indubitavelmente a Escola Pitagórica apresenta-se como uma das mais originais e influentes desse período.

Apesar de soarem ingênuas algumas teorias dos primeiros pensadores, de uma certa maneira permanecem atuais. Basta observar que a busca ontológica pela substância primeva, a inquietude diante do mundo natural, a busca de algo concreto — retirando dos deuses e transpondo para a natureza a origem da realidade — e a necessidade de fundamentar um discurso racional são elementos primordiais do pensamento científico-filosófico. Um exemplo da importância deste grupo de pensadores é o despertar de grandes nomes como Popper, Heidegger entre outros que retiraram esses filósofos das notas de rodapé da História da Filosofia e alçaram a condição de grandes pensadores. O que esse grupo de pensadores nos transmite é a necessidade de buscar uma explicação plausível para a realidade minimizando a intervenção dos deuses ou de qualquer elemento sobrenatural, algo que sentimos ainda hoje no pensamento científico e devemos essa grande contribuição a esse grupo de pensadores.

PROPOSTA PARA FUTURAS PESQUISAS

O pensamento dos primeiros pensadores exerceu forte influência no desenvolvimento do pensamento ocidental e sobretudo a discussão que perdurou ao longo da antiguidade relacionada ao impasse entre a concepção mobilista da

realidade proposta pelo filósofo Heráclito e o imobilismo do ser de Parmênides. A primeira tentativa de resolver esse impasse foi proposto ainda no período Pré-Socrático, com os pensadores conhecidos como pluralistas que tentaram conciliar a ideia de movimento com o conceito de imobilismo, como, por exemplo, a escola atomista de Leucipo e Demócrito.

No período socrático, Platão com a sua concepção dualista da realidade concebeu a divisão entre mundo sensível e mundo inteligível a partir das teorias de Heráclito e dos Eleatas. O mundo inteligível seria composto por ideias puras e imutáveis, e serviria como uma espécie de molde ao qual uma espécie de demiurgo utilizaria para construir o mundo sensível. O mundo sensível nada mais é do que uma representação do mundo inteligível, uma cópia das ideias belas, plenas e imperecíveis existentes em um plano transcendente. O plano da imanência representado pelo mundo sensível baseia-se no modelo heraclitiano com as mudanças e transformações. Já o plano transcendente representado pelo mundo das ideias representa o ser de Parmênides uma vez que não ocorre mudança.

Discípulo principal de Platão, Aristóteles foi fortemente influenciado pelos primeiros pensadores chegando inclusive a citá-los em suas obras. Em sua metafísica, Aristóteles menciona o estado atual do ser (ato) e suas possibilidades de transformação (potência) como uma possibilidade de unificar as concepções de Heráclito e Parmênides. O mesmo pode ser analisado em seu modelo cosmológico geocêntrico que coloca os elementos existentes no plano supralunar como imóveis enquanto a geração e corrupção da matéria ocorreria no plano sublunar.

A proposta de trabalho em futuras pesquisas e analisar a influência de Heráclito e Parmênides na filosofia antiga e o impacto que suas teorias desencadearam e filósofos posteriores assim como a atualidade de seu pensamento em pensadores atuais como Heidegger e Karl Popper.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AGNOLIN, A. **História das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- AMUSQUIVAR JR., N. P. **A filosofia grega entre o pessimismo e o trágico**: uma polêmica na interpretação de Nietzsche sobre Anaximandro e Heráclito. 2015. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/953177>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BOTELHO, J. F. **A odisseia da filosofia**. São Paulo: Abril, 2015.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- BARNES, J. **Filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CORNFORD, F. **Antes e depois de Sócrates**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- COSTA, A. **Sobre a verdade e as opiniões**: o poema de Parmênides e a incisão entre o ser e devir. 2010. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=180903. Acesso em: 11 jan. 2021.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DURANT, W. **A história da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. v. 1.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ELIADE, M.; COULIANO, I. **Dicionário das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GLEISER, M. **A dança do universo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

- GRANT, E. **História da filosofia natural**. São Paulo: Madras, 2009.
- GOMES, M. **Antropologia**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GOMES, M. **Antropologia hiperdialética**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GRAVES, R. **Os mitos gregos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. v. I.
- GRIMAL, P. **Mitologia grega**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- HARARI, Y. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- HEIDEGGER, M. **Parmênides**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HERÓDOTO. **História**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- HESÍODO. **Teogonia**. São Paulo: Martin Claret, 1998.
- HUGUENIN, R. **Os pré-socráticos e a performance**: sobre as formas de comunicação dos primeiros filósofos gregos. 2013. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23919/23919.PDF>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- LAERTIOS, D. **Vida e doutrina dos filósofos ilustres**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.
- LARAIA, R. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LEAL, J. C. **O universo do mito**. Rio de Janeiro: Mahatma Gandhi Espaço Cultural, 1996.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MARCONDES, D. **Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MARTINS, M. **O pensamento de Heráclito: uma aproximação com o pensamento de Parmênides**. 2007. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2746>. Acesso em: 11 jan. 2021.

- MARX, K. **Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MEUNIER, M. **A legenda dourada: nova mitologia clássica**. São Paulo: Ibrasa, 1961.
- MORIN, E. **Meus filósofos**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- MILANI, C. **Leucipo e Demócrito**. São Paulo: Salvat, 2017.
- PALAZZO, S. **Heráclito e Parmênides**. São Paulo: Salvat, 2017.
- PIN, V. G. **Pitágoras**. São Paulo: Salvat, 2017.
- POPPER, K. **Conjecturas y refutaciones**. Barcelona: Paidós, 1972.
- POPPER, K. **O mundo de Parmênides**. São Paulo: Edusp, 2019.
- ROCHA, E. **O que é o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ROSA, L. P. **Tecnociências e humanidades**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. v. I.
- RUSSEL, B. **História do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- RUSSEL, B. **História da filosofia ocidental – livro 1: a filosofia antiga**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- SANTOS, B. de S. Seis razões para pensar. **Lua Nova**, n. 54, p. 13-24, 2001.
- SILVA, G. A. **A evolução da cartografia celeste entre os séculos XV e XIX**. 2009. Dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.hcte.ufrj.br/docs/dissertacoes/2009/gil_alves_silva.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.
- SOARES, M. Sobre ser, pensamento e discurso no poema de Parmênides. **Intuitio**, v. 1, n. 2, p. 232-248, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/4132>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- TEOFRASTO, Da Sensação, 27 ss (DK 59 A 92). *In: Os filósofos pré-socráticos*. [S. l.: s. n.], 1996. Coleção Os Pensadores.
- THOMSON, G. **Os primeiros filósofos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974. v. I-II.
- VERNANT, J. P. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

VERNANT, J. P. **Mito e verdade na Grécia antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VERNANT, J. P. **O universo, os deuses, os homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

WINOGRAD, M.; MENDES, L. Mitos e origens na psicanálise freudiana. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000200013. Acesso em: 16 jan. 2021.

ANEXO – Tabela descritiva dos filósofos do período pré-socrático analisados

Escolas filosóficas	Filósofos	Conceitos
Escola de Mileto	- Tales - Anaximandro - Anaxímenes	- Análise racional da natureza - Busca do elemento primordial - Modelo mecanicista do cosmos
Efésios	- Heráclito	- Realidade em fluxo contínuo - Doutrina dos pares opostos - Elemento fogo como representante da mudança - Devir
Eleatas	- Parmênides - Zenão	- Movimento como algo ilusório - Imobilidade do ser - Paradoxos envolvendo o movimento
Pitagóricos	- Pitágoras - Filolau	- Primazia da matemática - Modelo cosmológico caracterizado pelo “fogo central” - Misticismo
Pluralistas e atomistas	- Anaxágoras - Leucipo - Demócrito - Empédocles	- Mais de um elemento como responsável pela origem da matéria - Síntese das doutrinas de pensadores anteriores.